

Santa Mônica, mãe de Santo Agostinho, testemunha de esperança

Uma mulher de fé inabalável, de lágrimas fecundas, atendida por Deus após dezessete longos anos. Um modelo de cristã, esposa e mãe para toda a Igreja. Uma testemunha de esperança que se transformou em poderosa intercessora no Céu. O próprio Dom Bosco recomendava às mães, aflitas pela vida pouco cristã de seus filhos, que se encomendassem a ela nas orações.

Na grande galeria dos santos e santas que marcaram a história da Igreja, Santa Mônica (331-387) ocupa um lugar singular. Não por milagres espetaculares, não pela fundação de comunidades religiosas, nem por feitos sociais ou políticos de destaque. Mônica é lembrada e venerada sobretudo como mãe, a mãe de Agostinho, o jovem inquieto que, graças às suas orações, às suas lágrimas e ao seu testemunho de fé, tornou-se um dos maiores Padres da Igreja e Doutores da fé católica.

Mas limitar sua figura ao papel materno seria injusto e redutor. Mônica foi uma mulher que soube viver sua vida ordinária – esposa, mãe, crente – de forma extraordinária, transfigurando o cotidiano pela força da fé. É um exemplo de perseverança na oração, de paciência no casamento, de esperança inabalável diante dos desvios do filho.

As informações sobre sua vida chegam até nós quase exclusivamente pelas *Confissões* de Agostinho, um texto que não é uma crônica, mas uma leitura teológica e espiritual da existência. Ainda assim, nessas páginas Agostinho traça um retrato inesquecível da mãe: não apenas uma mulher boa e piedosa, mas um autêntico modelo de fé cristã, uma “mãe das lágrimas” que se tornam fonte de graça.

As origens em Tagaste

Mônica nasceu em 331 em Tagaste, cidade da Numídia, [Souk](#)

[Ahras](#) na atual Argélia. Era um centro vibrante, marcado pela presença romana e por uma comunidade cristã já enraizada. Proveniente de uma família cristã abastada: a fé já fazia parte de seu horizonte cultural e espiritual.

Sua formação foi marcada pela influência de uma ama austera, que a educou na sobriedade e na temperança. Santo Agostinho escreverá sobre ela: *“Não falarei, portanto, de seus dons, mas dos teus dons a ela, que não se fez sozinha, nem foi educada sozinha. Tu a criaste sem que nem o pai nem a mãe soubessem que filha teriam; e a ensinaste no teu temor com a vara do teu Cristo, ou seja, a disciplina do teu Unigênito, numa casa de crentes, membro saudável da tua Igreja.”* (Confissões IX, 8, 17).

Nas mesmas *Confissões*, Agostinho também relata um episódio significativo: a jovem Mônica havia adquirido o hábito de beber pequenos goles de vinho da adega, até que uma serva a repreendeu chamando-a de “bêbada”. Essa repreensão foi suficiente para que ela se corrigisse definitivamente. Essa historieta, aparentemente sem importância, mostra sua honestidade em reconhecer seus pecados, em deixar-se corrigir e em crescer em virtude.

Aos 23 anos, Mônica foi dada em casamento a Patrício, um funcionário municipal pagão, conhecido por seu temperamento colérico e sua infidelidade conjugal. A vida matrimonial não foi fácil: a convivência com um homem impulsivo e distante da fé cristã colocou à prova sua paciência.

No entanto, Mônica nunca caiu em desânimo. Com uma atitude de mansidão e respeito, soube conquistar progressivamente o coração do marido. Não respondia com dureza às explosões de raiva, não alimentava conflitos inúteis. Com o tempo, sua constância deu frutos: Patrício se converteu e recebeu o batismo pouco antes de morrer.

O testemunho de Mônica mostra como a santidade não se expressa necessariamente em gestos grandiosos, mas na fidelidade cotidiana, no amor que sabe transformar lentamente as

situações difíceis. Nesse sentido, é um modelo para muitas esposas e mães que vivem casamentos marcados por tensões ou diferenças de fé.

Mônica mãe

Do casamento nasceram três filhos: Agostinho, Navígio e uma filha cujo nome desconhecemos. Mônica derramou sobre eles todo seu amor, mas sobretudo sua fé. Navígio e a filha seguiram um caminho cristão linear: Navígio tornou-se sacerdote; a filha seguiu o caminho da virgindade consagrada. Agostinho, por sua vez, tornou-se logo o centro de suas preocupações e lágrimas. Desde garoto, Agostinho mostrava uma inteligência extraordinária. Mônica o enviou para estudar retórica em [Cartago](#), desejosa de garantir-lhe um futuro brilhante. Mas junto com os progressos intelectuais vieram também as tentações: sensualidade, mundanismo, más companhias. Agostinho abraçou a doutrina maniqueísta, convencido de encontrar nela respostas racionais para o problema do mal. Além disso, começou a conviver sem casar com uma mulher, da qual teve um filho, Adeodato. Os desvios do filho levaram Mônica a negar-lhe acolhida em sua casa. Mas não por isso deixou de orar por ele e de oferecer sacrifícios: *“do coração sangrante de minha mãe te era oferecido por mim noite e dia o sacrifício de suas lágrimas”*. (Confissões V, 7,13) e *“derramava mais lágrimas do que jamais derramam as mães pela morte física dos filhos”* (Confissões III, 11,19).

Para Mônica foi uma ferida profunda: o filho, que ela havia consagrado a Cristo no ventre, estava se perdendo. A dor era indescritível, mas ela nunca deixou de esperar. O próprio Agostinho escreverá: *“O coração de minha mãe, atingido por tal ferida, nunca mais sararia: porque não sei expressar adequadamente seus sentimentos por mim e quão maior foi seu trabalho ao me dar à luz em espírito do que aquele com que me deu à luz na carne.”* (Confissões V, 9,16).

Surge espontânea a pergunta: por que Mônica não batizou Agostinho logo após o nascimento?

Na verdade, embora o batismo infantil já fosse conhecido e praticado, ainda não era uma prática universal. Muitos pais preferiam adiá-lo para a idade adulta, considerando-o um “banho definitivo”: temiam que, se o batizado pecasse gravemente, a salvação estaria comprometida. Além disso, Patrício, ainda pagão, não tinha interesse em educar o filho na fé cristã.

Hoje vemos claramente que foi uma escolha infeliz, pois o batismo não só nos torna filhos de Deus, mas nos dá a graça de vencer as tentações e o pecado.

Uma coisa, porém, é certa: se ele tivesse sido batizado quando criança, Mônica teria poupado a si mesma e ao filho muitos sofrimentos.

A imagem mais forte de Mônica é a de uma mãe que ora e chora. As *Confissões* a descrevem como uma mulher incansável em interceder junto a Deus pelo filho.

Um dia, um bispo de Tagaste – segundo alguns, o próprio Ambrósio – a tranquilizou com palavras que ficaram célebres: “*Vai, não pode se perder o filho de tantas lágrimas*”. Essa frase tornou-se a estrela guia de Mônica, a confirmação de que sua dor materna não era em vão, mas parte de um misterioso desígnio de graça.

Tenacidade de uma mãe

A vida de Mônica foi também uma peregrinação nos passos de Agostinho. Quando o filho decidiu partir às escondidas para Roma, Mônica não poupou esforços; não deu a causa como perdida, mas o seguiu e o procurou até encontrá-lo. Ela o alcançou em Milão, onde Agostinho havia conseguido uma cátedra de retórica. Ali encontrou um guia espiritual em Santo Ambrósio, bispo da cidade. Entre Mônica e Ambrósio nasceu uma profunda sintonia: ela reconhecia nele o pastor capaz de guiar o filho, enquanto Ambrósio admirava sua fé inabalável.

Em Milão, a pregação de Ambrósio abriu novas perspectivas para Agostinho. Ele abandonou progressivamente o maniqueísmo e começou a olhar para o cristianismo com novos olhos. Mônica

acompanhava silenciosamente esse processo: não forçava os tempos, não exigia conversões imediatas, mas orava, apoiava e permanecia ao lado dele até sua conversão.

A conversão de Agostinho

Parecia que Deus não a ouvia, mas Mônica nunca deixou de orar e oferecer sacrifícios pelo filho. Após dezessete anos, finalmente suas súplicas foram atendidas – e como! Agostinho não só se tornou cristão, mas também sacerdote, bispo, doutor e padre da Igreja.

Ele mesmo reconhece: *“Tu, porém, na profundidade dos teus desígnios, atendeste ao ponto vital do seu desejo, sem te importares com o objeto momentâneo de seu pedido, mas cuidando de fazer de mim aquilo que sempre te pedia que fizesse.”* (Confissões V, 8,15).

O momento decisivo chegou em 386. Agostinho, atormentado interiormente, lutava contra as paixões e resistências de sua vontade. No célebre episódio do jardim de Milão, ao ouvir a voz de uma criança dizendo *“Tolle, lege”* (“Toma, lê”), abriu a Carta aos Romanos e leu as palavras que mudaram sua vida: *“Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não atendais aos desejos e paixões da vida carnal”* (Rm 13,14).

Foi o início de sua conversão. Junto com o filho Adeodato e alguns amigos, retirou-se para Cassiciaco para se preparar para o batismo. Mônica estava com eles, participando da alegria de ver finalmente atendidas as orações de tantos anos. Na noite de Páscoa de 387, na catedral de Milão, Ambrósio batizou Agostinho, Adeodato e os outros catecúmenos. As lágrimas de dor de Mônica se transformaram em lágrimas de alegria. Continuou a servi-los, tanto que em Cassiciaco Agostinho dirá: *“Cuidou como se fosse mãe de todos e nos serviu como se fosse filha de todos.”*

Óstia: o êxtase e a morte

Após o batismo, Mônica e Agostinho se prepararam para voltar à África. Parando em [Óstia](#), aguardando o navio, viveram um momento de intensa espiritualidade. As *Confissões* narram o

êxtase de Óstia: mãe e filho, à janela, contemplaram juntos a beleza da criação e se elevaram a Deus, antecipando a bem-aventurança do céu.

Mônica dirá: *“Filho, quanto a mim não encontro mais nenhum atrativo nesta vida. Não sei por que ainda estou aqui e o que faço aqui. Este mundo não é mais objeto de desejos para mim. Havia apenas um motivo para querer ficar um pouco mais nesta vida: ver-te cristão católico antes de morrer. Deus me atendeu além de toda minha expectativa, concedeu-me ver-te a seu serviço e liberto das aspirações de felicidade terrena. Para que estou aqui?”* (Confissões IX, 10,11). Ela havia alcançado seu objetivo terreno.

Alguns dias depois, Mônica adoeceu gravemente. Sentindo a proximidade da morte, disse aos filhos: *“Meus filhos, sepultem aqui sua mãe: não se preocupem com o lugar. Só lhes peço uma coisa: lembrem-se de mim no altar do Senhor, onde quer que estejam”*. Essa foi a síntese de sua vida: não importava o local do sepultamento, mas o vínculo na oração e na Eucaristia.

Morreu aos 56 anos, em 12 de novembro de 387, e foi sepultada em Óstia. No século VI, suas relíquias foram transferidas para uma cripta escondida na mesma [igreja de Santa Áurea](#). Em 1425, as relíquias foram transladas para Roma, na [basílica de Santo Agostinho no Campo de Márcio](#), onde ainda hoje são veneradas.

0 perfil espiritual de Mônica

Agostinho descreve sua mãe com palavras bem medidas:

“[...] feminina na aparência, viril na fé, vigilante na serenidade, maternal no amor, cristã na piedade [...]”. (Confissões IX, 4,8).

E ainda:

“[...] viúva casta e sóbria, assídua na esmola, devota e submissa aos teus santos; que não deixava passar um dia sem levar a oferta ao teu altar, que duas vezes ao dia, de manhã e à noite, sem falta visitava tua igreja, e não para conversar inutilmente e tagarelar como as outras velhas, mas para ouvir tuas palavras e fazer ouvir suas orações. As lágrimas de tal

mulher, que com elas te pedia não ouro nem prata, nem bens volúveis ou instáveis, mas a salvação da alma de seu filho, tu poderias desprezá-las, tu que assim a fizeste com tua graça, recusando-lhe teu socorro? Certamente não, Senhor. Tu, ao contrário, estavas ao lado dela e a atendias, operando segundo a ordem com que predestinaste que devesse operar.” (Confissões V, 9,17).

Desse testemunho agostiniano, emerge uma figura de surpreendente atualidade.

Foi uma mulher de oração: nunca deixou de invocar a Deus pela salvação de seus entes queridos. Suas lágrimas tornam-se modelo de intercessão perseverante.

Foi uma esposa fiel: em um casamento difícil, nunca respondeu com ressentimento à dureza do marido. Sua paciência e mansidão foram instrumentos de evangelização.

Foi uma mãe corajosa: não abandonou o filho em seus desvios, mas o acompanhou com amor tenaz, capaz de confiar nos tempos de Deus.

Foi uma testemunha de esperança: sua vida mostra que nenhuma situação é desesperadora, se vivida na fé.

A mensagem de Mônica não pertence apenas ao século IV. Fala ainda hoje, em um contexto em que muitas famílias vivem tensões: filhos se afastam da fé, pais experimentam a dificuldade da espera.

Ensina aos pais a não desistir, a crer que a graça opera de maneiras misteriosas.

Mostra às mulheres cristãs como a mansidão e a fidelidade podem transformar relações difíceis.

A quem se sinta desanimado na oração, testemunha que Deus escuta, mesmo que os tempos não coincidam com os nossos.

Não é por acaso que muitas associações e movimentos escolheram Mônica como padroeira das mães cristãs e das mulheres que rezam pelos filhos afastados da fé.

Uma mulher simples e extraordinária

A vida de Santa Mônica é a história de uma mulher simples e

extraordinária ao mesmo tempo. Simples porque vivida no cotidiano de uma família; extraordinária porque transfigurada pela fé. Suas lágrimas e suas orações moldaram um santo e, através dele, marcaram profundamente a história da Igreja.

Sua memória, celebrada em 27 de agosto, na véspera da festa de Santo Agostinho, nos lembra que a santidade muitas vezes passa pela perseverança oculta, pelo sacrifício silencioso, pela esperança que não decepciona.

Nas palavras de Agostinho, dirigidas a Deus pela mãe, encontramos a síntese de sua herança espiritual: *“Não posso dizer o quanto minha alma lhe é devedora, meu Deus; mas tu sabes tudo. Recompensa-a com tua misericórdia pelo que te pediu com tantas lágrimas por mim”* (Conf., IX, 13).

Santa Mônica, através dos acontecimentos de sua vida, alcançou a felicidade eterna que ela mesma definiu: *“A felicidade consiste, sem dúvida, em alcançar o fim e devemos confiar que podemos ser conduzidos a ele por uma fé firme, por uma viva esperança, por uma ardente caridade”*. (A Felicidade 4,35).

Tornar-se um sinal de esperança em Essuatíni – Lesoto – África do Sul após 130 anos

No coração da África Austral, entre as belezas naturais e os desafios sociais de Essuatíni, Lesoto e África do Sul, os Salesianos celebram 130 anos de presença missionária. Neste tempo de Jubileu, de Capítulo Geral e de aniversários históricos, a Inspeção África Meridional compartilha seus

sinais de esperança: a fidelidade ao carisma de Dom Bosco, o compromisso educativo e pastoral entre os jovens e a força de uma comunidade internacional que testemunha fraternidade e resiliência. Apesar das dificuldades, o entusiasmo dos jovens, a riqueza das culturas locais e a espiritualidade do Ubuntu continuam a indicar caminhos de futuro e comunhão.

Saudações fraternas dos Salesianos da menor Visitadoria e da mais antiga presença na Região África-Madagascar (desde 1896, quando os primeiros 5 coirmãos foram enviados pelo P. Rua). Este ano agradecemos aos 130 SDB que trabalharam em nossos 3 países e que agora intercedem por nós do céu. “Pequeno é belo”!

No território da AFM vivem 65 milhões de pessoas que se comunicam em 12 línguas oficiais, entre tantas maravilhas da natureza e grandes recursos do subsolo. Estamos entre os poucos países da África subsaariana onde os católicos são uma pequena minoria em relação às outras Igrejas cristãs, com apenas 5 milhões de fiéis.

Quais são os sinais de esperança que nossos jovens e a sociedade estão buscando?

Em primeiro lugar, estamos tentando superar os famigerados recordes mundiais da crescente disparidade entre ricos e pobres (100.000 milionários contra 15 milhões de jovens desempregados), da falta de segurança e do aumento da violência no cotidiano, do colapso do sistema educacional, que produziu uma nova geração de milhões de analfabetos, lidando com várias dependências (álcool, drogas...). Além disso, 30 anos após o fim do regime do apartheid em 1994, a sociedade e a Igreja ainda estão divididas entre as várias comunidades em termos de economia, oportunidades e muitas feridas ainda não cicatrizadas. De fato, a comunidade do “País do Arco-Íris” está lutando com muitas “lacunas” que só podem ser “preenchidas” com os valores do Evangelho.

Quais são os sinais de esperança que a Igreja Católica na

África do Sul está buscando?

Participando do encontro trienal “Joint Witness” [Testemunha Conjunta] dos superiores religiosos e bispos em 2024, percebemos muitos sinais de declínio: menos fiéis, falta de vocações sacerdotais e religiosas, envelhecimento e diminuição do número de religiosos, algumas dioceses em falência, perda contínua/diminuição de instituições católicas (assistência médica, educação, obras sociais ou mídia) devido à forte queda no número de religiosos e leigos comprometidos. A Conferência Episcopal Católica (SACBC – que inclui Botswana, Essuatíni e África do Sul) indica como prioridade o atendimento aos jovens dependentes de álcool e outras substâncias.

Quais são os sinais de esperança que os salesianos da África Meridional estão buscando?

Rezamos todos os dias por novas vocações salesianas, para poder acolher novos missionários. De fato, terminou a época da Inspeção Anglo-Irlandesa (até 1988) e o Projeto África não incluía a ponta sul do continente. Após 70 anos em Essuatíni (ex-Suazilândia) e 45 anos no Lesoto, temos apenas 4 vocações locais de cada Reino. Hoje temos apenas 5 jovens coirmãos e 4 noviços em formação inicial. No entanto, a menor Visitadoria da África-Madagascar, através de suas 7 comunidades locais, é responsável pela educação e cuidado pastoral em 6 grandes paróquias, 18 escolas primárias e secundárias, 3 centros de formação profissional (TVET) e vários programas de assistência social. Nossa comunidade inspetorial, com 18 nacionalidades diferentes entre os 35 SDB que vivem nas 7 comunidades, é um grande dom e um desafio a ser acolhido.

Como comunidade católica minoritária e frágil da África Austral

Acreditamos que o único caminho para o futuro é construir mais pontes e comunhão entre os religiosos e as dioceses: quanto mais fracos somos, mais nos esforçamos para trabalhar juntos. Como toda a Igreja Católica busca focar nos jovens, Dom Bosco foi escolhido pelos bispos como Padroeiro da Pastoral Juvenil

e sua Novena é celebrada com fervor na maioria das dioceses e paróquias no início do ano pastoral.

Como Salesianos e Família Salesiana, nos encorajamos constantemente uns aos outros: “work in progress” (um trabalho constante)

Nos últimos dois anos, após o convite do Reitor-Mor, temos buscado relançar nosso carisma salesiano, com a sabedoria de uma visão e direção comum (a partir da assembleia anual inspetorial), com uma série de pequenos e simples passos diários na direção certa e com a sabedoria da conversão pessoal e comunitária.

Somos gratos pelo encorajamento do P. Pascual Chávez para nosso recente Capítulo Inspetorial de 2024: «Vocês sabem bem que é mais difícil, mas não impossível, “refundar” do que fundar [o carisma], porque existem hábitos, atitudes ou comportamentos que não correspondem ao espírito do nosso Santo Fundador, Dom Bosco, e ao seu Projeto de Vida, e que têm “direito de cidadania” [na Inspeção]. Há realmente necessidade de uma verdadeira conversão de cada coirmão a Deus, tendo o Evangelho como suprema regra de vida, e de toda a Inspeção a Dom Bosco, assumindo as Constituições como verdadeiro projeto de vida».

Foi aprovado o conselho do P. Pascual e o compromisso: “Tornar-se mais apaixonados por Jesus e dedicados aos jovens”, investindo na conversão pessoal (criando um espaço sagrado em nossa vida, para deixar que Jesus a transforme), na conversão comunitária (investindo na formação permanente sistemática mensal segundo um tema) e na conversão inspetorial (promovendo a mentalidade inspetorial através do “One Heart One Soul” [Um só coração e uma só alma] – fruto da nossa assembleia inspetorial) e com encontros mensais online dos diretores.

Na foto de lembrança da nossa Visitadoria do Beato Miguel Rua, ao lado dos rostos de todos os 46 coirmãos e 4 noviços (35 vivem em nossas 7 comunidades, 7 estão em formação no exterior

e 5 SDB aguardam visto; um está nas catacumbas de São Calisto e um missionário faz quimioterapia na Polônia). Também somos abençoados por um número crescente de coirmãos missionários enviados pelo Reitor-Mor ou por um período específico por outras Inspetorias africanas para nos ajudar (AFC, ACC, ANN, ATE, MDG e ZMB). Somos muito gratos a cada um desses jovens coirmãos. Acreditamos que, com a ajuda deles, nossa esperança de relançamento carismático está se tornando tangível. Nossa Visitadoria – a menor da África-Madagascar, após quase 40 anos da fundação, ainda não tem uma verdadeira casa inspetorial. A construção começou, com a ajuda do Reitor-Mor, apenas no ano passado. Também aqui dizemos: “trabalhos em andamento”...

Queremos compartilhar também nossos humildes sinais de esperança com todas as outras 92 Inspetorias neste precioso período do Capítulo Geral. A AFM tem uma experiência única de 31 anos de voluntários missionários locais (envolvidos na Pastoral Juvenil do Centro Juvenil Bosco de Joanesburgo desde 1994), o programa “Love Matters” [O amor é o que importa] para um crescimento sexual saudável dos adolescentes desde 2001. Nossos voluntários, de fato, envolvidos por um ano inteiro na vida da nossa comunidade, são os membros mais preciosos da nossa Missão e dos novos grupos da Família Salesiana que estão crescendo lentamente (VDB, Salesianos Cooperadores e Ex-alunos de Dom Bosco).

Nossa casa-mãe na Cidade do Cabo celebrará já no próximo ano seu centésimo trigésimo (130º) aniversário e, graças ao centésimo quinquagésimo (150º) aniversário das Missões Salesianas, realizamos, com a ajuda da Inspetoria da China, uma especial “Sala da Memória de São Luís Versiglia”, onde nosso Protomártir passou um dia durante seu retorno da Itália para a China-Macau em maio de 1917.

Dom Bosco ‘Ubuntu’ – caminho sinodal

“Estamos aqui graças a vocês!” – Ubuntu é uma das contribuições das culturas da África Meridional para a comunidade global. A palavra na língua Nguni significa “Eu sou

porque vocês são” (“I’m because you are!”). Outras possíveis traduções: “Eu existo porque vocês existem”). No ano passado iniciamos o projeto “Eco Ubuntu” (projeto de conscientização ambiental com duração de 3 anos) que envolve cerca de 15.000 jovens das nossas 7 comunidades em Essuatíni, Lesoto e África do Sul. Além da linda celebração e da partilha do Sínodo dos Jovens 2024, nossos 300 jovens [que participaram] guardam principalmente o Ubuntu em suas memórias. O entusiasmo deles é uma fonte de inspiração. A AFM precisa de vocês: Estamos aqui graças a vocês!

Marco Fulgaro

Profetas do perdão e da gratuidade

Nestes tempos, em que as notícias, dia após dia, nos comunicam experiências de conflito, guerra e ódio, quão grande é o risco de nós, como crentes, acabarmos envolvidos numa leitura dos acontecimentos que se reduz apenas ao nível político ou nos limitamos a tomar partido por um lado ou outro com argumentos que têm a ver com a nossa maneira de ver as coisas, com a nossa forma de interpretar a realidade.

No discurso de Jesus que segue as bem-aventuranças, há uma série de “pequenas/grandes lições” que o Senhor oferece. Sempre começam com o versículo “vocês ouviram que foi dito”. Em uma delas, o Senhor recorda o antigo ditado “olho por olho e dente por dente” (Mt 5,38).

Fora da lógica do Evangelho, essa lei não só não é contestada, como pode ser tomada como uma regra que expressa a forma de acertar as contas com aqueles que nos ofenderam. Obter

vingança é percebido como um direito, chegando até a ser um dever.

Jesus se apresenta diante dessa lógica com uma proposta completamente diferente, totalmente oposta. Ao que ouvimos, Jesus nos diz: “Mas eu lhes digo” (Mt 5,39). E aqui, como cristãos, devemos ter muito cuidado. As palavras de Jesus que seguem são importantes não apenas por si mesmas, mas porque expressam de forma muito sintética toda a sua mensagem. Jesus não veio para nos dizer que há outra maneira de interpretar a realidade. Jesus não se aproxima de nós para ampliar o espectro das opiniões sobre as realidades terrenas, especialmente aquelas que tocam a nossa vida. Jesus não é uma opinião a mais, mas ele próprio encarna a proposta alternativa à lei da vingança.

A frase “mas eu lhes digo” é de fundamental importância porque agora não é mais a palavra pronunciada, mas a própria pessoa de Jesus. O que Jesus nos comunica, ele vive. Quando Jesus diz “não resistam ao perverso; pelo contrário, se alguém lhe der um tapa na face direita, ofereça também a outra” (Mt 5,39), essas mesmas palavras ele viveu em primeira pessoa. Certamente não podemos dizer que Jesus prega bem, mas faz mal com sua mensagem.

Voltando aos nossos tempos, essas palavras de Jesus correm o risco de ser percebidas como as palavras de uma pessoa fraca, reações de quem não é mais capaz de reagir, mas apenas de sofrer. E, de fato, quando olhamos para Jesus que se entrega completamente no madeiro da Cruz, essa é a impressão que podemos ter. No entanto, sabemos muito bem que o sacrifício na cruz é fruto de uma vivência que parte da frase “mas eu lhes digo”. Porque tudo o que Jesus nos disse, ele acabou por assumir plenamente. E, assumindo plenamente, conseguiu passar da cruz à vitória. A lógica de Jesus aparentemente comunica uma personalidade derrotada. Mas sabemos muito bem que a mensagem que Jesus nos deixou, e que ele viveu plenamente, é o remédio de que este mundo hoje realmente precisa.

Ser profetas do perdão significa assumir o bem como resposta

ao mal. Significa ter a determinação de que o poder do maligno não condicionará a minha forma de ver e interpretar a realidade. O perdão não é a resposta do fraco. O perdão é o sinal mais eloquente daquela liberdade capaz de reconhecer as feridas que o mal deixa para trás, mas que essas mesmas feridas jamais serão um barril de pólvora que fomenta a vingança e o ódio.

Reagir ao mal com o mal só faz ampliar e aprofundar as feridas da humanidade. A paz e a concórdia não crescem no terreno do ódio e da vingança.

Ser profetas da gratuidade exige de nós a capacidade de olhar para o pobre e para o necessitado não com a lógica do lucro, mas com a lógica da caridade. O pobre não escolhe ser pobre, mas quem está bem tem a possibilidade de escolher ser generoso, bom e cheio de compaixão. Quão diferente seria o mundo se nossos líderes políticos, neste cenário onde crescem os conflitos e as guerras, tivessem a sensatez de olhar para aqueles que pagam o preço dessas divisões, que são os pobres, os marginalizados, aqueles que não podem fugir porque não conseguem.

Se partirmos de uma leitura puramente horizontal, há motivo para desespero. Não nos resta outra coisa senão ficar presos às nossas murmurações e críticas. E, no entanto, não! Nós somos educadores dos jovens. Sabemos bem que esses jovens, neste nosso mundo, estão buscando pontos de referência de uma humanidade saudável, de líderes políticos capazes de interpretar a realidade com critérios de justiça e paz. Mas quando nossos jovens olham ao redor, sabemos bem que percebem apenas o vazio de uma visão pobre da vida.

Nós, que estamos comprometidos com a educação dos jovens, temos uma grande responsabilidade. Não basta comentar a escuridão que deixa uma quase completa ausência de liderança. Não basta comentar que não há propostas capazes de inflamar a memória dos jovens. Cabe a cada um e a cada uma de nós acender essa vela de esperança nesta escuridão, oferecer exemplos de humanidade bem-sucedida no cotidiano.

Realmente vale a pena hoje ser profetas do perdão e da gratuidade.

Diálogo familiar

Filho: “O senhor ficou sabendo o que aconteceu na Ucrânia?”

Pai: “Bah!”

Mãe: “A sopa está suficientemente salgada?”.

Filho: “Isso é um problema, não é?”.

Pai: “Sim”.

Filho: “Então, o que o senhor acha?”.

Pai: “Você tem razão, falta um pouco de sal”.

Mãe: “Aqui, pegue”.

Filho: “É estranho como se conseguiu chegar a esse ponto”.

Mãe: “Quais as suas notas em matemática?”.

Pai: “Eu nunca entendi nada de matemática”.

Mãe: “Está frio hoje...”.

Um marido ouve a esposa por no máximo 17 segundos e depois começa a falar.

A esposa ouve o marido por no máximo 17 segundos e depois começa a falar.

Marido e mulher ouvem seus filhos por...

0 oratório festivo de

Valdocco

Em 1935, após a canonização de Dom Bosco em 1934, os salesianos tiveram o cuidado de coletar testemunhos sobre ele. Um tal Pedro Pons, que quando menino tinha frequentado o oratório festivo de Valdocco por cerca de dez anos (de 1871 a 1882) e que também tinha frequentado dois anos de escola primária (com salas de aula sob a Basílica de Maria Auxiliadora), no dia 8 de novembro deu um belo testemunho daqueles anos. Extraímos dele algumas passagens, quase todas inéditas.

A figura de Dom Bosco

Ele era o centro de atração de todo o Oratório. É assim que o nosso ex-oratoriano Pedro Pons se lembra dele no final dos anos 1970: “Ele não tinha mais vigor, mas estava sempre calmo e sorridente. Tinha dois olhos que perfuravam e penetravam a mente. Comparecia entre nós: era uma alegria para todos”. O P. Rua, o P. Lazzeri estavam ao seu lado como se tivessem o Senhor no meio deles. O P. Barberis e todos os rapazes corriam em sua direção, cercando-o, alguns andando ao seu lado, outros atrás dele com o rosto voltado para ele. Era uma sorte, um privilégio cobiçado poder estar perto dele, conversar com ele. Ele passeava devagar, conversando e olhando para todos, com aqueles dois olhos que se voltavam para todos os lados, eletrizando os corações com alegria”.

Entre os episódios que ficaram gravados em sua mente 60 anos depois, ele se lembra de dois em particular: “Um dia... ele apareceu sozinho na porta da frente do santuário. Então, um bando de meninos correu para encontrá-lo como uma rajada de vento. Mas ele segura na mão o guarda-chuva, que tem um cabo e uma haste tão grossa como a dos camponeses. Ele o levanta e, usando-o como uma espada, faz malabarismos para repelir aquele ataque afetuoso, ora para a direita, ora para a esquerda, para abrir a passagem. Toca um com a ponta, outro para o lado, mas, enquanto isso, os outros se aproximam pelo outro lado. Assim,

o jogo, a brincadeira continua, alegrando os corações, ansiosos por ver o bom Pai voltar de sua viagem. Ele parecia um pároco de aldeia, mas daqueles bem simples”.

Os jogos e o teatrinho

É impensável um oratório salesiano sem jogos. O ex-aluno idoso recorda: “O pátio era ocupado por um prédio, a igreja de Maria Auxiliadora e no final de um muro baixo... no canto esquerdo havia uma espécie de cabana, onde sempre havia alguém para vigiar quem entrava... Logo na entrada à direita, havia um balanço com um único assento, depois as barras paralelas e a barra fixa para os meninos maiores, que gostavam de dar piruetas e cambalhotas, e também o trapézio e o passo do gigante, que ficavam, porém, perto das sacristias, além da capela de São José”. E ainda: “Esse pátio era bem comprido e se prestava muito bem as corridas de velocidade que partiam da lateral da igreja e retornavam para lá no caminho de volta. Também se brincava com “prende e solta”, corridas de sacos e quebra-pote. Esses últimos jogos eram anunciados desde o domingo anterior. O mesmo acontecia com o pau de sebo, mas o pau era fincado com a ponta fina na parte inferior para que fosse mais difícil subir. Havia loterias, e o bilhete custava um ou dois centavos. Dentro da casinha havia uma pequena biblioteca em um armário”.

O jogo era acompanhado pelo famoso “teatrinho”, no qual eram apresentados dramas autênticos, como “O filho do cruzado”, as canções de Dom Cagliero e os “musicais”, como o Sapateiro, personificado pelo lendário Carlos Gastini [um brilhante animador dos ex-alunos]. A peça, assistida gratuitamente pelos pais, era realizada no salão sob a nave da igreja de Maria A., mas o antigo oratoriano também lembra que “uma vez foi apresentada na casa Moretta [atual igreja paroquial perto da praça]. As pessoas pobres viviam lá na mais miserável pobreza. Nos porões que podem ser vistos sob a varanda, havia uma mãe pobre que, ao meio-dia, levava nos ombros seu filho Carlos, cujo corpo era rígido por causa de uma doença, a fim de poder

tomar sol”.

As funções religiosas e as reuniões formativas

No oratório festivo não faltavam as funções religiosas nas manhãs de domingo: Santa Missa com a Sagrada Comunhão, orações do bom cristão; à tarde, seguia-se a recreação, o catecismo e a pregação do P. Júlio Barberis. Já idoso, “Dom Bosco nunca vinha para rezar a missa ou pregar, mas apenas para visitar e entreter-se com os meninos durante o recreio... Os catequistas e assistentes levavam seus alunos com eles para a igreja durante as funções e lhes ensinavam o catecismo. A pequena pregação era feita para todos. Exigia-se que a lição fosse memorizada em cada festa e também a explicação”. As festas solenes terminavam com uma procissão e um lanche para todos: “Ao sair da igreja depois da missa, havia um lanche. Um jovem à direita, do lado de fora da porta, dava o pão, outro à esquerda colocava duas fatias de salame com um garfo”. Aqueles meninos se contentavam com pouco, mas estavam muito felizes. Quando os meninos internos se juntavam aos oratorianos para cantar as vésperas, suas vozes podiam ser ouvidas na Rua Milão e na Rua Corte de Apelação!

As reuniões formativas do grupo também eram realizadas no oratório festivo. Na casinha perto da igreja de São Francisco, havia “uma sala pequena e baixa com capacidade para cerca de vinte pessoas... Na sala havia uma pequena mesa para o palestrante, havia bancos para as reuniões e conferências para os mais crescidos em geral e para a Companhia de São Luís, quase todos os domingos”.

Quem eram os oratorianos?

De seus cerca de 200 companheiros – mas seu número diminuía no inverno devido ao retorno dos trabalhadores sazonais para suas famílias – nosso alegre senhor lembrava que muitos eram de Biella “quase todos ‘bic’, ou seja, carregavam o balde de madeira cheio de cal e o cesto de vime cheio de tijolos para os pedreiros das construções”. Outros eram “aprendizes de pedreiros, mecânicos, funileiros”. Pobres aprendizes:

trabalhavam da manhã à noite, todos os dias, e somente aos domingos podiam se dar ao luxo de um pouco de recreação “na casa de Dom Bosco” (como era chamado seu oratório): “Brincávamos de “Elefante voa”, sob a direção do então Sr. Milanesio [um futuro padre que foi um grande missionário na Patagônia]. O senhor Ponzano, mais tarde padre, era professor de ginástica. Ele nos obrigava a fazer exercícios corporais sem instrumentos, com bastões, em aparelhos”.

As lembranças de Pedro Pons são muito mais amplas, tão ricas em sugestões distantes quanto permeadas por uma sombra de nostalgia; elas esperam para serem conhecidas em sua totalidade. Esperamos que isso aconteça em breve.

Ninguém assustava as galinhas (1876)

Ambientada em janeiro de 1876, a peça apresenta um dos mais sugestivos “sonhos” de Dom Bosco, instrumento predileto com que o santo turinense sacudia e guiava os jovens do Oratório. A visão se abre para uma planície interminável onde fervilham os trabalhos dos semeadores: o trigo, símbolo da Palavra de Deus, só germinará se protegido. Mas galinhas vorazes caem sobre a semente e, enquanto os camponeses cantam versículos evangélicos, os clérigos encarregados da custódia permanecem mudos ou distraídos, deixando que tudo se perca. A cena, animada por diálogos argutos e citações bíblicas, torna-se parábola da murmuração que apaga o fruto da pregação e advertência à vigilância ativa. Com tons ao mesmo tempo paternos e severos, Dom Bosco transforma o elemento fantástico em lição moral incisiva.

Na segunda metade de janeiro o Servo de Deus teve um sonho

simbólico do qual falou com alguns Salesianos. P. Barberis pediu-lhe para contá-lo em público porque os seus sonhos agradavam muito aos jovens, faziam-lhes muito bem e os afeiçoava ao Oratório.

– Sim, isso é verdade, respondeu o Beato, fazem bem e são ouvidos com avidez; o único prejudicado sou eu, pois precisaria ter pulmões de ferro. Bem se pode dizer que no Oratório não há sequer um que não se sinta emocionado com tais narrações, pois na maioria das vezes esses sonhos impressionam a todos e cada um quer saber em que situação o tenha visto, o que deva fazer, que significado tenha isto ou aquilo. E eu fico aflito dia e noite. Se depois quero despertar o desejo das confissões gerais, não tenho outra coisa a fazer senão narrar um sonho. Escute, faça uma coisa. Domingo irei falar aos jovens e você interrompe-me em público. Eu então contarei o sonho.

No dia 23 de janeiro, após as orações da noite, ele subiu na cátedra. O seu rosto, radiante de alegria, manifestava, como sempre, a própria alegria de encontrar-se entre seus filhos. Após um pouco de silêncio, P. Barberis pediu para falar e perguntou:

– Desculpe, senhor Dom Bosco, permite-me fazer-lhe uma pergunta?

– Pois não, diga.

– Ouvi dizer que nestas noites passadas, teve um sonho de sementeira, com semeador, com galinhas e que já o contou ao clérigo Calvi. Poderia fazer o favor de contá-lo também a nós? Isso nos daria muito prazer.

– Curioso! – disse Dom Bosco em tom de bronca. E então explodiu uma gargalhada geral.

– Não importa, sabe, que me chame de curioso; contanto que nos conte o sonho. E com este meu pedido creio interpretar a vontade de todos os jovens que certamente o ouvirão com muito gosto.

– Se é assim, eu o conto. Não queria dizer nada porque há coisas que se referem a vários de vocês em particular e algumas também para você, que fazem arder um pouco as orelhas;

mas já que me pediram, eu contarei.

– Mas, eh!, senhor Dom Bosco, se há alguma paulada para mim, poupe-a aqui em público.

– Eu contarei as coisas como as sonhei, cada um tome a sua parte. Mas antes de tudo é preciso que cada um tenha em mente que os sonhos me acontecem dormindo e dormindo não se pensa; por isso, se há algo de bom, alguma advertência a tomar, se tome. Além disso, ninguém fique preocupado. Disse que sonhando eu de noite dormia, porque alguns sonham também de dia e algumas vezes até mesmo estando acordados e com não leve incômodo dos professores para os quais tornam-se estudantes que importunam.

Parecia-me estar longe daqui e encontrar-me em Castelnuovo d’Asti, minha terra. Diante de mim, havia uma grande extensão de terra, situada em uma vasta e bela planície; mas aquele terreno não era nosso e não sabia de quem era.

Naquele campo vi muitos que trabalhavam com pás, enxadas e outros instrumentos. Havia um que arava, quem semeava o grão, quem aplainava a terra, quem fazia outras coisas. Havia aqui e lá chefes escolhidos para dirigir os trabalhos e, entre esses, parecia-me estar também eu. Coros de camponeses estavam em outro lugar cantando. Eu observava maravilhado e não sabia dar-me conta daquele lugar. Dizia a mim mesmo: – Mas, com que finalidade estas pessoas trabalham tanto? E respondia a mim mesmo: – Para prover o pão de cada dia aos meus jovens. E era realmente uma maravilha ver como aqueles bons agricultores não desistiam sequer um instante do trabalho e sem cessar continuavam no seu trabalho com um ardor contínuo e com a mesma constância. Só alguns estavam rindo e brincando entre eles.

Enquanto eu contemplava tão belo quadro, olho ao meu redor e vejo que me rodeavam alguns padres e muitos dos meus clérigos, alguns próximos e outros a uma certa distância. Dizia comigo mesmo: – Mas eu sonho; os meus clérigos estão em Turim, aqui, ao invés, estamos em Castelnuovo. E depois, como pode ser isso? Eu estou com roupa de inverno da cabeça aos pés, somente

ontem eu estava com tanto frio e agora aqui se semeia o grão. Eu me tocava as mãos e caminhava e dizia: – Mas realmente não estou sonhando, este é um campo real; este clérigo aqui é o clérigo A... em pessoa; este outro é o clérigo B. E depois, como no sonho eu poderia ver esta coisa e aquela outra?

Nesse meio tempo, vi ali perto mais à parte, um velho que aparentemente se mostrava muito benévolo e sensato, prudente, atento a observar-me e aos outros. Aproximei-me dele e lhe perguntei: – Diga-me, bravo homem, escute-me! Que é isso que eu vejo e não compreendo nada? Onde estamos aqui? Quem são esses trabalhadores? De quem é este campo?

– Oh, respondeu-me aquele homem; belas perguntas a serem feitas! É um padre e não sabe estas coisas?

– Mas por isso diga-me! Você acredita que eu sonho ou que esteja acordado? Pois me parece sonhar e não me parecem possíveis as coisas que vejo.

– Possibilíssimas, antes, reais e me parece que o senhor esteja bem desperto. Não se percebe? Fala, ri, brinca.

– E no entanto há alguns, eu acrescentei, que no sonho parecem falar, escutar, agir, como se estivessem acordados.

– Mas não; deixe de lado tudo isso. O senhor está aqui com corpo e alma.

– Seja pois assim; e se eu despertar, diga-me, então, de quem é este campo.

– O senhor estudou latim; qual é o primeiro nome da segunda declinação que estudou no Donato? Sabe-o ainda?

– Eh, claro que sei; mas o que tem a ver isso com a minha pergunta?

– Tem a ver e muitíssimo. Diga, pois, qual é o primeiro nome que se estuda na segunda declinação.

– É *Dominus*.

– E como é o genitivo?

– *Domini*!

– Bravo, bem, *Domini*; este campo é pois *Domini*, do Senhor.

– Ah! Agora começo a compreender alguma coisa! – exclamei.

Estava maravilhado pela conclusão obtida daquele bom velho. No momento vi várias pessoas chegando com sacos de grãos para

semear e um grupo de camponeses cantava: *Exit, qui seminat, seminare semem suum* (O semeador saiu a semear a sua semente – Lc 8,5).

A mim parecia um pecado jogar fora aquela semente e fazê-las morrer enterrada. Era tão belo aquele grão! Não seria melhor, dizia comigo mesmo, não seria melhor triturá-lo e fazer dele pão ou massa? – Mas depois pensava: – Quem não semeia não recolhe. Se não se lança a semente e essa não apodrece, o que se recolherá depois?

Naquele instante vejo sair de todas as partes uma multidão de galinhas e irem para a semente para bicar todo grão que outros espalhavam.

E aquele grupo de cantores continuava o seu canto: *Venerunt aves caeli, sustulerunt frumentum e reliquerunt zizaniam* (Vieram as aves do céu, pegaram o trigo e deixaram a cizânia – cf. Mt 12,43).

Dou uma olhada ao redor e observo aqueles clérigos que estavam comigo. Um com as mãos entrelaçadas estava olhando com fria indiferença; outro tagarelava com os colegas, outros se abraçavam; outros olhavam o céu, outros riam daquele quadro, outros continuavam tranquilamente o seu recreio e os seus jogos, outros terminavam algum trabalho seu; mas ninguém espantava as galinhas para fazê-las ir embora. Eu me dirijo a eles muito magoado e, chamando cada um pelo nome, dizia: – Mas o que fazem? Não veem aquelas galinhas comendo todo o grão? Não veem que destroem a boa semente, fazem desaparecer as esperanças destes bons lavradores? O que colherão depois? Por que estão assim calados? Por que não gritam, por que não as fazem ir embora?

Mas os clérigos encolhiam os ombros, olhavam-me e nada diziam. Alguns nem sequer se viraram: não cuidavam antes daquele campo nem cuidarão depois que eu ralhei.

Vocês são todos insensatos! – eu continuava. As galinhas já estão todas com o papo cheio. Vocês não poderiam bater as mãos e fazer assim? E, no entanto, eu batia as mãos encontrando-me em uma verdadeira confusão, pois de nada adiantavam as minhas palavras. Então alguns se puseram a afugentar as galinhas, mas

eu repetia comigo mesmo: – Eh, sim! Agora que todo o grão foi comigo, se espantam as galinhas!

Naquele momento me surpreendeu o ouvido o canto daquele grupo de lavradores os quais cantavam assim: *Canes muti nescientes latrare* (São cães mudos incapazes de ladrar – cf. Is 56,10).

Então me dirigi àquele bom velho e, entre estupefato e indignado, disse-lhe: – Vamos lá! Dê-me uma explicação do que vejo; eu não entendo nada disso. O que é aquela semente que se lança por terra?

– Oh, amigo! *Semen est verbum Dei* (A semente é a Palavra de Deus – Lc 8,11).

– Mas o que quer dizer isso, pois vejo que lá as galinhas a comem?

O velho, mudando o tom de voz, prosseguiu:

– Oh! Se quer uma explicação mais completa eu lha dou. O campo é a vinha do Senhor, da qual se fala no Evangelho, e se pode também entender do coração do homem. Os cultivadores são os operários evangélicos que, especialmente com a pregação, semeiam a Palavra de Deus. Esta palavra produziria muito fruto naquele coração, terreno bem preparado. Mas quê? Vêm os pássaros do céu e a levam embora.

– O que significam esses pássaros?

– Quer que eu lhe diga o que indicam? Indicam as murmurações. Ouvida aquela pregação que traria efeito, vai-se com os colegas. Um faz o comentário sobre um gesto, em voz alta, durante uma palavra do pregador, e então se perde todo o fruto da pregação. Um outro culpa o pregador por algum defeito físico ou intelectual, um terceiro ri do seu italiano, e todo o fruto da pregação fica perdido. O mesmo deve-se dizer de uma boa leitura cujo bem fica impedido por uma murmuração. As murmurações são tanto piores, pois geralmente são secretas, ocultas e ali vivem e crescem onde nada mais podemos esperar. O grão, ainda que seja num campo não muito cultivado, todavia nasce, cresce, alcança uma boa altura e produz fruto. Quando num campo, há pouco semeado, vem um temporal, então ele se torna chão batido e não produz mais tanto fruto, mas ainda produz. Se também a semeadura não for tão boa, no entanto

crescerá: trará pouco fruto, mas o trará. Ao invés, quando as galinhas ou os pássaros bicam as sementes, não tem mais jeito: o campo não produz mais nada; não traz fruto de qualidade. Do mesmo modo, se às pregações, aos conselhos, aos bons propósitos houver por trás alguma outra coisa como distração, tentação etc., haverá menos fruto; mas quando há murmuração, o falar mal ou coisa semelhante, aqui não há o pouco que permanece, mas há logo o tudo que é levado embora. E a quem compete bater palmas, insistir, ralhar, vigiar, para que estas murmurações, estas más conversas não aconteçam? O senhor o sabe!

– Mas o que faziam esses clérigos? – eu lhe perguntei. Não podiam eles impedir tanto mal?

– Não impediram nada, ele prosseguiu. Alguns estavam observando como estátuas mudas, outros não olhavam, não pensavam, não viam e ali estavam com os braços cruzados, outros não tinham a coragem para impedir esse mal; alguns poucos, porém, se uniam também aos murmuradores, tomavam parte nas suas maledicências, faziam o papel de destruidores da Palavra de Deus. Você que é padre insista sobre isto: prega, exorta, fala, não tenha medo de jamais falar demais; e todos saibam que criticar quem prega, quem exorta, quem dá bom conselho é o que provoca a parte maior do mal. E o ficar calado quando se vê alguma desordem e não impedi-la, especialmente quem poderia ou deveria, isto é, em resumo, tornar-se cúmplice do mal alheio.

Eu, ciente de tudo por essas palavras, queria ainda olhar, observar esta e aquela coisa, repreender os clérigos, estimulá-los a cumprir o próprio dever. E eles já se mexiam e procuravam afugentar as galinhas. Mas eu, tendo dado alguns passos, tropecei num rastelo, destinado a aplainar a terra, deixado naquele campo, e acordei. Agora deixemos de lado tudo e vamos à moral. P. Barberis, o que nos diz a respeito deste sonho?

– Digo, respondeu P. Barberis, que é uma boa surra e um golpe a quem toca.

– Está certo, retomou Dom Bosco, é uma lição que precisa

fazer-nos bem; e tenham em mente isto, meus queridos jovens, evitar entre vocês de qualquer maneira a murmuração, como um mal extraordinário, fugindo dela como se foge da peste, e não só evitá-la vocês, mas com toda força procurar fazer com os outros a evitem. Algumas vezes santos conselhos, ótimas obras não fazem o bem, que leva a impedir uma murmuração e qualquer palavra que possa prejudicar a outros. Armemo-nos de coragem e combatamo-la com franqueza. Não há pior desgraça do que a de fazer perder a palavra de Deus. E basta um mote, basta uma brincadeira.

Contei-lhes um sonho ocorrido já em várias noites, mas nesta noite passada tive um outro que agora desejo narrar-lhes. Ainda não é muito tarde; são apenas as nove eu posso expô-lo a vocês. Contudo procurarei não demorar.

Pareceu-me, então, encontrar-me num lugar que agora não me lembro mais qual fosse; eu não estava mais em Castelnuovo, mas parece-me que nem mesmo estivesse no Oratório. Veio alguém apressadamente me chamar: – Dom Bosco, venha! Dom Bosco, venha!

– Mas qual é o motivo de tanta pressa? – eu respondi.

– Está sabendo das coisas acontecidas?

– Eu não entendo o que você quer dizer: explique-me claramente, respondi ansioso.

– Não sabe, Dom Bosco, que tal jovem tão bom, tão animado, está gravemente enfermo, aliás, moribundo?

– Eu duvido que você queira brincar comigo, lhe disse: porque exatamente esta manhã falei e passei com o mesmo jovem que você agora me diz estar moribundo.

– Ah, Dom Bosco! Eu não o estou enganando e me julgo na obrigação de narrar-lhe a pura verdade. Aquele jovem tem grande necessidade do senhor e deseja vê-lo e falar-lhe pela última vez. Mas venha logo porque senão não chega em tempo.

Eu, sem saber o lugar, fui apressadamente atrás daquele tal. Chego em um lugar e vejo gente triste e chorando que me diz: Ajude-nos logo, por favor, porque está nas últimas.

– Mas o que aconteceu? – respondo. Fui levado em um quarto onde vejo deitado um jovem muito pálido no rosto, com uma cor

quase cadavérica, com uma tosse e um estertor que o sufocava e mal permitia que ele falasse.

– Mas você não é o fulano de tal? – eu lhe disse:

– Sim, sou o tal.

– Como está?

– Estou mal!

– E como é que agora o vejo neste estado? Você não estava andando tranquilo sob os pórticos ontem e esta manhã?

– Sim, respondeu o jovem, ontem e esta manhã passeava sob os pórticos; mas agora faça depressa que eu tenho necessidade de confessar-me; vejo que me resta muito pouco tempo.

– Não se aflija, não se aflija; você confessou-se há poucos dias.

– É verdade e me parece não havia nenhuma falta grave no meu coração; todavia desejo receber a santa absolvição antes de apresentar-me ao Divino Juiz.

Eu ouvi a sua confissão. Mas observei que piorava visivelmente e um catarro estava para sufocá-lo. – Mas aqui é preciso agir rápido, digo comigo mesmo, se quiser que receba ainda o santo viático e o óleo santo. Antes, o viático não poderá mais recebê-lo, seja porque requer mais tempo para os preparativos, seja porque a tosse poderia impedi-lo de engolir. Depressa, o óleo santo!

Assim dizendo, saio do quarto e mando imediatamente um homem pegar a bolsa com os óleos santos. Os jovens que estavam na sala me perguntavam:

– Mas está realmente em perigo? Está mesmo moribundo, como se está dizendo?

– Infelizmente! – eu respondia. Não vê que a respiração se lhe torna cada vez mais lenta e o catarro o sufoca?

– Mas será melhor trazer-lhe também o viático e assim fortalecido mandá-lo nos braços de Maria.

Mas enquanto eu me apressava preparando o necessário, ouço um voz. – Expirou!

Entro de novo no quarto e encontro o enfermo com os olhos arregalados; não respira mais; está morto.

– Está morto? – perguntei para aqueles dois que o assistiam.

– Está morto, responderam-me. Está morto.

– Mas como vai, assim tão depressa? Diga-me: não é esse o fulano?

– Sim, é o fulano.

– Não posso acreditar! Ainda ontem passeava comigo sob os pórticos.

– Ontem passeava e agora está morto, me replicaram.

– Felizmente era um jovem bom! – exclamei. E dizia aos jovens que estavam ao meu redor: – Veem, veem? Este não pôde nem mesmo receber o viático e a extrema unção. Agradeçamos, porém, ao Senhor que lhe deu tempo para confessar-se. Este jovem era bom, frequentava bastante os sacramentos, e esperamos que tenha ido para uma vida feliz, ou ao menos no purgatório. Mas se tocasse um pouco a outros o mesmo destino, o que seria agora de alguns?

Dito isso, colocamo-nos todos de joelhos e rezamos um *De profundis* pela alma do pobre falecido.

Enquanto eu ia para o quarto, vejo chegar Ferraris [Coadjutor João Antônio Ferraris, livreiro] da livraria, o qual todo aflito, me diz:

– Sabe, Dom Bosco, o que aconteceu?

– Eh, infelizmente já sei! Morreu o tal! – respondo.

– Não é isso que eu quero dizer; há outros dois mortos.

– Como? Quem?

– O sicrano e o beltrano.

– Mas quando? Não compreendo.

– Sim, dois outros que morreram antes que o senhor chegasse.

– E por que não me chamou?

– Faltou tempo. Mas o senhor sabe dizer-me quando este aqui morreu?

– Morreu agora, respondi.

– O senhor sabe que dia é hoje e de que mês? – continuou Ferraris.

– Claro que sei: hoje é 22 de janeiro, segundo dia da novena de São Francisco de Sales.

– Não, disse Ferraris. O senhor se engana, Dom Bosco; veja bem. – Eu ergo os olhos para o calendário e vejo: *26 de maio*.

– Mas esta é boa! – exclamei. Estamos em janeiro e eu bem consciente de como estou vestido; não se veste assim em maio; em maio o aquecedor não estaria ligado.

– Eu não sei o que dizer-lhe ou que explicação dar-lhe, mas agora estamos no dia 26 de maio.

– Mas se apenas ontem faleceu este nosso companheiro e estávamos em janeiro.

– Engana-se, insistiu Ferraris; estávamos no tempo pascal.

– Mais uma você acrescenta e ainda maior!

– Tempo pascal, sem dúvida; estávamos no tempo pascal, e ele teve mais sorte de morrer na Páscoa do que os outros dois, que morreram no mês de Maria.

– Você está zombando de mim, eu lhe disse. Explique-se melhor, do contrário eu não o entendo.

– Eu não estou zombando, em absoluto. A coisa é assim. Se depois quiser saber mais, e que eu me explique melhor, eis! Esteja atento!

– Abri os braços, depois bati as duas mãos uma contra a outra bem forte. E despertei. Então exclamei: – Oh, que sorte! Não é realidade, mas um sonho. Que medo que eu tive!

Eis o sonho que tive na noite passada. Vocês deem a ele a importância que quiserem. Eu mesmo não quero dar-lhe fé totalmente. Hoje, porém, quis ver se aqueles que me pareceram mortos no sonho estavam vivos ainda, e os vi são e fortes. Certamente não convém que eu diga e não direi quem são aqueles. Todavia estarei de olho sobre os dois; se for necessário algum conselho para viver bem, lhes darei, e os prepararei fazendo vistas largas sem que percebam; porque assim, se lhes ocorresse morrer, a morte não os encontre despreparados. Mas ninguém fique falando: Será este, será aquele. Cada um pense em si.

E não fiquem preocupados com isso. O efeito que deve surtir em vocês é simplesmente o que nos sugere o Divino Salvador no Evangelho: *Estote parati, quia, qua hora non putatis, filius hominis veniet* (Estejam preparados porque o Filho do homem virá na hora em que não pensais – Lc 12,4). É esta uma importante advertência que nos faz o Senhor, meus queridos

jovens. Estejam sempre preparados porque na hora em que menos esperamos pode vir a morte, e aquele que não estiver preparado para morrer bem, corre o grave risco de morrer mal. Eu procuro estar preparado o melhor que posso e vocês façam o mesmo, a fim de que a qualquer hora que agrade ao Senhor chamar-nos, possamos estar prontos para passar à eternidade. Boa noite!

As palavras de Dom Bosco eram ouvidas sempre em religioso silêncio, mas quando ele falava destas coisas extraordinárias, entre as centenas de meninos que lotavam o lugar, não se ouvia um rumor de tosse nem a mais leve roçadura dos pés. A forte impressão durava semanas e meses; e com a impressão aconteciam mudanças radicais no comportamento de alguns endiabrados. Fazia-se depois fila ao redor do confessionário de Dom Bosco. Não vinha à cabeça de ninguém supor que ele inventasse aquelas narrativas para assustar e melhorar a vida dos jovens, porque os anúncios de mortes próximas tornavam-se realidade sempre e certos estados de consciência vistos em sonhos correspondiam à realidade.

Mas o temor produzido por tão lúgubres prognósticos não era uma angústia opressora? Não parece. Apresentavam-se muitas possibilidades e hipóteses a uma multidão de mais de oitocentos jovens a fim de que cada um pudesse preocupar-se disso. Além do mais, a persuasão realmente difundida, que quem morria no Oratório ia certamente para o Paraíso, e que Dom Bosco preparava os designados sem assustá-los, contribuía para expulsar todo temor do espírito. Por outro lado, sabe-se bem quão grande é a volubilidade juvenil, num instante a fantasia dos jovens é atingida e abalada; mas depois aquela lembrança se liberta bem depressa de qualquer preocupação. É o que nos atestavam unânimes os sobreviventes daqueles tempos.

Tendo os jovens ido dormir, alguns coirmãos que rodeavam o Beato cobriam-no de perguntas para saber se algum deles estava entre aqueles que deviam morrer. O Servo de Deus, sorrindo conforme o seu costume e girando a cabeça, repetia:

– Já, já! Virei dizer-lhes quem é, com perigo de fazer alguém morrer antes do tempo!

Visto que ali não se tirava nada, perguntaram-lhe se no primeiro sonho havia também clérigos fazendo parte das galinhas, que se entregassem à murmuração. Dom Bosco, que passeava, parou, olhou para os interlocutores e deu um risinho como para dizer: – Eh! Alguém sim; mas poucos, e não acrescentou nada mais. – Então lhe pediram que dissesse ao menos se eles estavam entre os cães mudos; o Beato se firmou nos princípios gerais, observando que era preciso estar atentos para evitar e fazer evitar as murmurações e em geral todas as desordens, especialmente as más conversas. – Ai do padre e do clérigo, disse, o qual, encarregado da vigilância, vê as desordens, e não as impede! Desejo que se saiba e se lembrem que com a palavra “murmurações” eu não entendo apenas o cortar a casaca pelas costas, mas toda conversa, todo gracejo, toda palavra que possa diminuir em um colega o fruto da Palavra de Deus ouvida. Em geral, entendo dizer que é um grande mal calar-se, quando se conhece alguma desordem, não a impedindo ou não procurando que a impeça quem de direito. Um mais ousado fez ao Servo de Deus uma pergunta um tanto arriscada.

– E P. Barberis, por que entra no sonho? O senhor disse que havia também para ele, e o próprio P. Barberis parecia esperar para si uma boa paulada. – P. Barberis estava presente. Inicialmente Dom Bosco acenava a não querer responder. Mas depois, permanecendo ao seu lado apenas alguns padres e mostrando-se P. Barberis satisfeito que ele revelasse o segredo, o Beato disse:

– Eh! P. Barberis não prega suficientemente sobre este ponto; não insiste quanto é preciso sobre este assunto. – P. Barberis confirmou que nem no ano anterior nem no ano em curso jamais se tinha fixado de propósito sobre aqueles temas aos seus noviços; gostou muito da observação e pendurou-a na orelha para o futuro.

Dito isto, subiram as escadas e todos, após beijar a mão de Dom Bosco, se afastaram e foram dormir. Todos, menos P. Barberis que, conforme o costume, acompanhou-o até a porta do seu quarto. Dom Bosco, vendo que ainda era cedo e pressentindo

que não poderia dormir, porque fortemente impressionado pelas coisas expostas, contra o seu hábito costumeiro, fez P. Barberis entrar em seu aposento, dizendo:

– Já que ainda temos tempo podemos dar dois passos num vai-e-vem pela sala.

Assim continuou a discorrer por uma meia hora. Disse então outras coisas: – Eu, no sonho, vi todos e vi o estado em que cada um se encontrava; se galinha, se cão mudo, se no número daqueles que avisados se puseram mãos à obra ou não se moveram. Sirvo-me desta doutrina confessando, exortando em público até ver que produzam o bem. No início não dava muita importância a esses sonhos; mas percebi que na maior parte das vezes são mais eficazes que as pregações; antes, para alguns são mais eficazes do que um curso de Exercícios Espirituais, por isso sirvo-me deles. E por que não? Lê-se na Sagrada Escritura: *Probate spiritus: quod bonum est tenete* (Examinai vossas almas; guardai o que é bom – cf. 1Ts 5,21). Vejo que valem, vejo que agradam, e por que mantê-los secretos? Antes, vejo que contribuem para afeiçoar muitos à Congregação.

– Experimentei eu mesmo, interrompeu P. Barberis, quão úteis são esses sonhos e quão salutares. Mesmo narrados alhures, fazem bem. Onde Dom Bosco é conhecido, pode-se dizer que são sonhos que ele teve; onde não é conhecido, pode-se apresentar como semelhança. Oh, se se pudesse fazer disso uma antologia, expondo-lhes em forma de semelhanças! Seriam procurados e lidos por crianças e por adultos, por jovens e por idosos, com vantagem para suas almas.

– Já, já! Fariam bem, estou intimamente convicto disso.

– Mas, talvez, lamentou P. Barberis, ninguém os recolheu por escrito.

– Eu, retomou Dom Bosco, não tenho tempo e de muitas coisas não me lembro mais.

– Aquilo de que me lembro, replicou P. Barberis, são os sonhos que se referiam aos progressos da Congregação, ao estender-se do manto de Nossa Senhora.

– Ah, sim! – exclamou o Beato. E acenou a várias visões deste gênero. Tomando depois um ar mais sério e meio conturbado,

prosseguiu:

– Quando penso na minha responsabilidade na posição em que me encontro, tremo inteiramente... Que contas tremendas deverei prestar a Deus por todas as graças que nos concede para o bom andamento da nossa Congregação!

(MBp XII, 36-48)

Foto: shutterstock.com

A árvore

Um senhor tinha quatro filhos. Ele queria que seus filhos aprendessem a não julgar as coisas rapidamente. Por isso, convidou cada um deles a fazer uma viagem para ver uma árvore que havia sido plantada em um lugar distante. Ele os enviou um de cada vez, com três meses de intervalo. As crianças obedeceram.

Quando o último voltou, ele os reuniu e pediu que descrevessem o que tinham visto.

O primeiro filho disse que a árvore era feia, retorcida e curvada.

O segundo filho disse, entretanto, que a árvore estava coberta de brotos verdes e prometia vida.

O terceiro filho discordou; ele disse que a árvore estava coberta de flores, que tinham um cheiro tão doce e eram tão bonitas que ele disse que se tratava da coisa mais bonita que já tinha visto.

O último filho discordou de todos os outros; ele disse que a árvore estava cheia de frutos, vida e abundância.

O homem então explicou aos filhos que todas as respostas estavam corretas, pois cada um havia visto apenas uma estação da vida da árvore.

Ele disse que não se pode julgar uma árvore, ou uma pessoa,

por uma única estação, e que sua essência, o prazer, a alegria e o amor que advêm dessas vidas só podem ser medidos no final, quando todas as estações estiverem completas.

Quando a primavera vai embora, todas as flores morrem, mas quando ela retorna, elas sorriem felizes. Em meus olhos tudo passa, em minha cabeça tudo embranquece.

Mas nunca acredite que na agonia da primavera todas as flores morrem porque, ainda ontem à noite, um ramo de pessegueiro estava florescendo.

(anônimo do Vietnã)

Não deixe que a dor de uma estação destrua a alegria do que virá depois.

Não julgue sua vida em uma estação difícil. Persevere nas dificuldades e, com certeza, tempos melhores virão quando menos esperar! Viva cada uma de suas estações com alegria e com a força da esperança.

A décima colina (1864)

O sonho da “Décima Colina”, narrado por Dom Bosco em outubro de 1864, é uma das páginas mais sugestivas da tradição salesiana. Nele, o santo se encontra em um vale imenso cheio de jovens: alguns já no Oratório, outros ainda a serem encontrados. Guiado por uma voz misteriosa, ele deve conduzi-los por uma escarpa íngreme e depois por dez colinas, símbolo dos dez mandamentos, em direção a uma luz que prefigura o Paraíso. O carro da Inocência, as hostes penitenciais e a música celestial desenham um afresco educativo: mostram a dificuldade de preservar a pureza, o valor do arrependimento e o papel insubstituível dos educadores. Com essa visão profética, Dom Bosco antecipa a expansão mundial de sua obra e

o compromisso de acompanhar cada jovem no caminho da salvação.

Dom Bosco tinha tido um sonho na noite anterior. Ao mesmo tempo um menino, chamado C... E..., de Casale Monferrato, teve o mesmo sonho, parecendo-lhe estar com Dom Bosco e conversar com ele. Quando acordou ficou muito impressionado e foi contar o sonho ao seu professor, que o exortou a contar tudo a Dom Bosco. O menino foi procurá-lo e se encontrou com o próprio, que descia a escada e soube que ele também estava à sua procura para lhe relatar a mesma coisa.

Pareceu a Dom Bosco estar num vale enorme repleto de milhares de garotos, mas tão numerosos que ele não acreditava poder encontrar tantos no mundo inteiro. Entre estes ele podia reconhecer todos aqueles que foram e que estão agora no Oratório. Todos os outros eram talvez aqueles que virão mais tarde. No meio dos jovens, podiam-se ver os padres e os clérigos da casa.

Uma escarpada muito alta fechava um lado daquele vale. Enquanto Dom Bosco pensava o que poderia fazer com todos estes jovens, “*uma voz*” lhe disse:

– Está vendo aquela escarpada? Pois bem, precisa que você e os seus jovens alcancem o topo.

Então Dom Bosco ordenou àquela multidão de jovens de se dirigir até o ponto indicado. Os jovens foram correndo e iniciaram a subir pela escarpada. Os padres da casa também correram e subiam ajudando os jovens: Levantavam os que caíam e carregavam os que, cansados, não aguentavam mais. P. Rua, com as mangas arregaçadas, trabalhava mais que todos e, até agarrando os meninos de dois em dois, lançava-os até o cume da escarpada, onde caíam em pé e corriam alegremente a brincar. P. Cagliero e P. Francesia corriam no meio dos meninos gritando:

– Coragem, continuem; continuem, coragem.

Em pouco tempo aquela multidão de jovens chegou no topo da escarpada; também Dom Bosco tinha chegado e disse: – E agora, o que vamos fazer?

– E a “*voz*” continuou:

– Você deve ultrapassar com os seus jovens estas dez colinas que estão à sua frente, uma após a outra.

– Mas como é que vão conseguir aguentar uma caminhada tão longa, estes garotos tão pequenos e delicados?

Foi-lhe respondido: – Quem não puder andar com suas próprias pernas será carregado.

E eis, de fato, na extremidade da colina aparecer uma magnífica carruagem. Impossível descrever a beleza daquela carruagem, mas vou tentar. Era triangular e tinha três rodas que se movimentavam em todos os sentidos. Nos três cantos havia três hastes cujas extremidades se encontravam num mesmo ponto por cima da mesma carruagem, formando como que um pináculo de caramanchão. Sobre este ponto de união se levantava um magnífico estandarte sobre o qual estava escrito em caracteres cubitais: *Innocentia* (Inocência). Havia uma faixa ao redor da carruagem com a escrita: *Adjutorio Dei Altissimi Patris et Filii et Spiritus Sancti* (Com a ajuda do Deus Altíssimo Pai e Filho e Espírito Santo).

A carruagem, que era de grande esplendor, por causa do ouro e pedras preciosas, veio até o meio dos jovens. Dada a ordem, muito meninos subiram na carruagem. Seu número era de quinhentos. Quinhentos apenas eram ainda inocentes, no meio a tantos milhares de jovens.

Dispostos estes na carruagem, Dom Bosco pensava por qual caminho deveria ir, quando viu abrir-se à sua frente uma estrada ampla e bonita, mas cheia de espinhos. Apareceram então, de repente, seis jovens, já falecidos no Oratório, vestidos de branco, carregando outra belíssima bandeira onde estava escrito: *Poenitentia* (Penitência). Estes se puseram à frente daquelas legiões de jovens que deviam seguir o caminho a pé. Então foi dado o sinal da partida. Muitos padres puseram-se no timão da carruagem, que, dirigida por eles, começou a se mover. Os seis meninos, vestidos de branco, seguem-no. Atrás deles vinha a multidão. Os garotos que estavam na carruagem entoaram o *Laudate pueri Dominum* (Louvai, meninos, ao Senhor – Sl 112,1) com uma melodia magnífica e inexprimível.

Dom Bosco caminhava encantado com aquela música celestial, quando se lembrou de olhar atrás para ver se todos os jovens o acompanhavam. Mas, oh, doloroso espetáculo! Muitos tinham ficado no vale, muitos voltaram atrás. Dom Bosco, agitado por dor inexprimível, decidiu voltar atrás para tentar convencer aqueles jovens levianos e ajudá-los a segui-lo. Mas foi-lhe decididamente negado.

Exclamou ele: – Mas aqueles coitados vão se perder.

Foi-lhe respondido:

– Pior para eles: eles foram chamados como os outros e não quiseram acompanhá-lo. A estrada a ser percorrida, eles a viram e isso basta.

Dom Bosco queria replicar; pediu, suplicou: inútil.

Foi-lhe dito: – A obediência é para você também! – E teve que continuar o caminho.

Nem tinha ainda suavizado esta dor, quando um outro acidente aconteceu. Muitos dos que estavam na carruagem, aos poucos, foram caindo por terra. De quinhentos, ficaram apenas 150 debaixo do estandarte da inocência.

O coração de Dom Bosco partia-se por tanta angústia. Ele esperava que o que estava acontecendo fosse um sonho, fazia de tudo para acordar, mas infelizmente tudo aquilo era a triste realidade. Batia palmas e ouvia o som delas; gemia e ouvia seus gemidos ecoarem pelo quarto; queria fazer sumir aquele terrível fantasma, mas não podia.

Neste ponto, narrando o sonho, exclamava: – Meus queridos jovens! Eu conheci e vi os que ficaram no vale, os que voltaram ou caíram da carruagem! Eu reconheci a todos vocês. Mas tenho a certeza de que farei de tudo para salvá-los. Muitos de vocês, convidados por mim para se confessar, não acataram o meu chamado! Pelo amor de Deus, salvem suas almas.

Muitos dos garotos que tinham caído da carruagem foram aos poucos se juntar entre os que caminhavam atrás da segunda bandeira. E a música da carruagem continuava tão suave

que aos poucos fez esquecer a dor que Dom Bosco sentia. Sete colinas já estavam ultrapassadas e, chegando aquelas legiões na oitava, entraram num maravilhoso povoado, onde pararam para descansar um pouco. As casas daquele lugar eram de uma riqueza e beleza indescritível.

Dom Bosco, falando aos jovens sobre este lugar, acrescentou:

– Vou dizer para vocês o que Santa Teresa afirmou das coisas do Paraíso: são coisas que ao se falar se degradam, porque são tão belas que é inútil esforçar-se para descrevê-las. Por isso digo-lhes só que os portais das casas pareciam um conjunto de ouro, cristal e diamante que surpreendia, enchia os olhos e infundia muita alegria. Os campos estavam cheios de árvores carregadas ao mesmo tempo de flores, botões, fruta madura e fruta verde. Era uma visão maravilhosa.

Os jovens espalharam-se pelo povoado daqui e dali, uns para uma coisa, outros para outra, pois grande era a curiosidade deles e o desejo de provar daquela fruta.

Foi nesta vila que aquele jovem de Casale se encontrou com Dom Bosco e conversou longamente com ele. Dom Bosco e o menino lembravam perfeitamente as perguntas feitas e as respostas. Singular combinação de dois sonhos.

Dom Bosco neste ponto teve mais uma estranha surpresa. Os seus jovens apareceram-lhe, de repente, de idade avançada, curvos, desdentados, cheios de rugas no rosto, cabelos brancos, claudicantes, apoiados em bengalas. Ficou admirado com esta metamorfose, mas a “voz” lhe disse:

– Você se admira; mas saiba que não são poucas horas desde que saiu do vale, mas já se passaram anos e anos. Foi aquela música que lhe fez parecer curto o caminho. Como prova, olhe a sua fisionomia e verá o que estou lhe dizendo. – E foi apresentado a Dom Bosco um espelho. Ele olhou-se no espelho e viu que o seu aspecto era de um homem idoso, com o rosto cheio de rugas e com poucos dentes e estragados.

A comitiva, entretanto, retomou o caminho, e os jovens de vez em quando pediam para parar a fim de olhar

aquelas coisas novas. Mas Dom Bosco lhes dizia: – Em frente, em frente; nós não precisamos de nada; não temos fome, nem sede, portanto em frente.

(Lá no fundo, distante, sobre a décima colina despontava uma luz que ia sempre aumentando, como que saída de um portal). Recomeçou, então, o canto, mas tão bonito que só mesmo no Paraíso se poderia ouvir coisa igual e deleitar-se. Não era música de instrumentos, nem parecia de vozes humanas. Era uma música impossível de descrever; e tamanha foi a alegria que invadiu a alma de Dom Bosco que acordou e se viu em sua cama.

Dom Bosco, então, explicou o sonho:

– O vale é o mundo. A escarpada são os obstáculos para afastar-se dele. A carruagem, vocês já entenderam. As turmas dos jovens a pé são os que, perdida a inocência, arrependem-se de suas faltas.

Dom Bosco acrescentou ainda que as dez colinas representavam os dez mandamentos da lei de Deus, cuja observância leva à vida eterna.

Enfim, anunciou que, se fosse necessário, estaria disposto a revelar em particular a alguns jovens o que faziam naquele sonho; se ficaram no vale ou se caíram da carruagem.

Descido do estrado, o aluno Antônio Ferraris aproximou-se dele e contou, estando nós presentes e entendendo perfeitamente o que ele dizia, como na noite anterior ele sonhou de estar com sua querida mãe, que lhe perguntou se por ocasião da Páscoa viria para casa de férias. Dom Bosco respondeu-lhe que antes da Páscoa estaria no Paraíso. Em seguida o jovem, em confiança, baixinho, falou algumas outras coisas ao ouvido de Dom Bosco. Antônio Ferraris faleceu no dia 16 de março de 1865.

Colocamos logo por escrito o sonho, e na mesma noite de 22 de outubro de 1864, no final, acrescentamos a seguinte nota: “Eu tenho certeza de que Dom Bosco, pelas suas explicações, procurou encobrir o que o sonho tem de mais surpreendente, pelo menos por alguma circunstância. Aquela dos dez mandamentos não me convence. A oitava colina onde Dom

Bosco parou, e se viu no espelho muito mais idoso, eu creio que indique o fim de sua vida, que deveria acontecer depois dos setenta anos. O futuro dirá”.

Este futuro é agora, tempo que passou e confirmou a nossa opinião. O sonho indicava a Dom Bosco a duração de seu viver. Vamos confrontar com esse o da Roda, que a gente só pôde conhecer alguns anos depois. Os giros da Roda correspondem a uma dezena de anos; e assim, também, parece que tenha o mesmo espaço de tempo o proceder de colina em colina. Cada um das colinas corresponde a dez anos, de modo que elas significam cem anos, o máximo da vida de um homem. Agora, nós vemos Dom Bosco, menino de dez anos, iniciar sua missão entre os colegas dos Becchi e, assim, iniciar sua viagem; percorre todas as sete colinas, isto é, sete dezenas, portanto, a sua idade chega a setenta anos; sobe na oitava colina e aqui faz uma parada: vê casas e campos maravilhosos, isto é, a sua Congregação (Pia Sociedade), tornada grande e cheia de frutos pela infinita bondade de Deus. É ainda longo o caminho a percorrer na oitava colina, e retoma a viagem; mas não chega à nona colina, pois ele acordou. Assim ele não viveu a oitava dezena de anos, vindo a falecer aos 72 anos e cinco meses.

O que diz o leitor sobre isso? Vou acrescentar que, na noite seguinte, tendo Dom Bosco perguntado nosso parecer sobre o sonho, respondi que o sonho não dizia respeito somente aos jovens, mas indicava a expansão da Congregação (Pia Sociedade) em todo o mundo.

– Que nada – retrucou um dos nossos irmãos; temos já o Colégio de Mirabello e de Lanzo e talvez vamos ter mais alguns outros no Piemonte. O que quer mais?

– Não! O sonho nos aponta outros destinos.

E Dom Bosco aprovava, sorrindo, a nossa certeza.

(MBp VII, 820-826)

A educação feminina com São Francisco de Sales

O pensamento educativo de São Francisco de Sales revela uma visão profunda e inovadora do papel da mulher na Igreja e na sociedade de seu tempo. Convencido de que a formação das mulheres era fundamental para o crescimento moral e espiritual de toda a comunidade, o santo bispo de Genebra promoveu uma educação equilibrada, respeitosa da dignidade feminina, mas também atenta às fragilidades. Com um olhar paterno e realista, soube reconhecer e valorizar as qualidades das mulheres, encorajando-as a cultivar a virtude, a cultura e a devoção. Fundador da Ordem da Visitação com Joana de Chantal, defendeu vigorosamente a vocação feminina, mesmo contra críticas e preconceitos. Seu ensinamento continua a oferecer reflexões atuais sobre a educação, o amor e a liberdade na escolha da própria vida.

Por ocasião de sua viagem a Paris em 1619, Francisco de Sales encontrou Adrien Bourdoise, um padre reformador do clero, que o repreendeu por se ocupar demais das mulheres. O bispo teria respondido com calma que as mulheres eram metade da humanidade e que, formando boas cristãs, haveria bons jovens e, com bons jovens, bons padres. Aliás, São Jerônimo não lhes dedicou muito tempo e vários escritos? A leitura de suas cartas é recomendada por Francisco de Sales à senhora de Chantal, que encontrará nelas, entre outras coisas, numerosas indicações “para educar suas filhas”. Deduz-se que o papel das mulheres na educação justificava, aos seus olhos, o tempo e a solícitude que lhes dedicava.

Francisco de Sales e as mulheres de seu tempo

“É preciso ajudar o sexo feminino, desprezado”, disse certa vez o bispo de Genebra a Jean-François de Blonay. Para compreender as preocupações e o pensamento de Francisco de Sales, convém situá-lo em sua

época. É preciso dizer que algumas de suas afirmações ainda parecem muito ligadas à mentalidade corrente. Nas mulheres de sua época, ele lamentava “essa ternura feminina consigo mesmas”, a facilidade “em se compadecer e desejar ser compadecidas”, uma maior propensão do que os homens “a dar crédito aos sonhos, a ter medo dos espíritos e a ser crédulas e supersticiosas” e, acima de tudo, as “contorções de seus pensamentos vaidosos”. Entre os conselhos dados à senhora de Chantal relativos à educação das filhas, escrevia sem hesitação: “Tire-lhes a vaidade da alma: ela nasce quase ao mesmo tempo que o sexo”.

No entanto, as mulheres são dotadas de grandes qualidades. Ele escreveu sobre a senhora de La Fléchère, que acabara de perder o marido: “Se eu tivesse apenas esta ovelha perfeita no meu rebanho, não me angustiaría por ser pastor desta diocese aflita. Depois da senhora de Chantal, não sei se alguma vez encontrei uma alma mais forte num corpo feminino, um espírito mais sensato e uma humildade mais sincera”. As mulheres não são de forma alguma as últimas na prática das virtudes: “Não vimos muitos grandes teólogos que disseram coisas maravilhosas sobre as virtudes, mas não as praticavam, enquanto, ao contrário, há tantas mulheres santas que não sabem falar de virtudes, mas sabem muito bem como praticá-las?”.

São as mulheres casadas as mais dignas de admiração: “Ó meu Deus! Como são agradáveis a Deus as virtudes de uma mulher casada; na verdade, elas devem ser fortes e excelentes para poderem permanecer nessa vocação!”. Na luta para preservar a castidade, ele acreditava que “as mulheres muitas vezes lutaram com mais coragem do que os homens”.

Fundador de uma congregação de mulheres junto com Joana de Chantal, ele manteve contato constante com as primeiras religiosas. Ao lado dos elogios, começaram a chover críticas. Empurrado para essas trincheiras, o fundador teve que se defender e defendê-las, não apenas como religiosas, mas também como mulheres. Em um documento que deveria servir de prefácio às Constituições das Visitandinas, encontramos a veia

polêmica de que ele era capaz, dirigindo-se não mais contra os “hereges”, mas contra os “censores” maliciosos e ignorantes:

A presunção e a arrogância inoportuna de muitos filhos deste século, que criticam ostensivamente tudo o que não está de acordo com o seu espírito [...], oferecem-me a oportunidade, ou melhor, obrigam-me a redigir esta Prefácio, minhas queridas Irmãs, para armar e defender a vossa santa vocação contra as pontas das suas línguas pestilentas; para que as almas boas e piedosas, que sem dúvida estão ligadas ao vosso amável e honrado Instituto, encontrem aqui como repelir as flechas lançadas pela temeridade desses censores bizarros e insolentes.

Previendo talvez que tal preâmbulo corria o risco de prejudicar a causa, o fundador da Visitação escreveu uma segunda edição suavizada, com o objetivo de destacar a igualdade fundamental entre os sexos. Depois de citar o Gênesis, desta vez ele fez o seguinte comentário: “A mulher, portanto, não menos que o homem, tem a graça de ter sido feita à imagem de Deus; igual honra em ambos os sexos; suas virtudes são iguais”.

A educação das filhas

O inimigo do amor verdadeiro é a “ vaidade”. Este era o defeito que Francisco de Sales, assim como os moralistas e pedagogos de seu tempo, mais temia na educação das jovens. Ele destaca várias manifestações disso. Veja “ estas moças da alta sociedade, que, tendo-se bem estabelecido, andam por aí cheias de orgulho e vaidade, com a cabeça erguida, os olhos abertos, ansiosas por serem notadas pelos mundanos”.

O bispo de Genebra diverte-se um pouco ao ridicularizar essas “ moças da sociedade”, que “ usam chapéus espalhados e empoados”, com a cabeça “ ferrada como se fossem ferraduras de cavalo”, todas “ empinadas e enfeitadas com flores como não se pode dizer” e “ carregadas de enfeites”. Há

aquelas que “usam vestidos apertados e muito incômodos, para parecerem magras”; eis uma verdadeira “loucura que, na maioria das vezes, as torna incapazes de fazer qualquer coisa”.

O que pensar, então, de certas belezas artificiais transformadas em “boutiques de vaidade”? Francisco de Sales prefere um “rosto limpo e puro”, deseja “que não haja nada afetado, porque tudo o que é embelezado desagrada”. É preciso, então, condenar todo “artifício”? Ele admite de bom grado que “no caso de algum defeito da natureza, é preciso corrigi-lo de modo a ver a correção, mas despojado de todo artifício”.

E o perfume? perguntava-se o pregador falando de Madalena. “É uma coisa excelente – responde –, até quem está perfumado percebe algo de excelente”; acrescentando, como bom conhecedor, que “o almíscar da Espanha goza de grande estima no mundo”. No capítulo sobre a “decência das vestes”, ele permite que as jovens tenham roupas com vários ornamentos, “porque podem desejar livremente ser agradáveis a muitos, mas com o único objetivo de conquistar um jovem com vistas a um santo matrimônio”. Ele encerrava com esta observação indulgente: “O que vocês querem? É conveniente que as moças sejam um tanto graciosas”.

É oportuno acrescentar que a leitura da Bíblia o preparou para não ser severo diante da beleza feminina. No amante do *Cântico dos Cânticos*, ele admirava “a notável beleza de seu rosto semelhante a um *buquê* de flores”. Ele descreve Jacó que, ao encontrar Raquel junto ao poço, “derramava lágrimas de alegria ao ver uma virgem que lhe agradava e o encantava pela graça do rosto”. Ele também gostava de contar a história de Santa Brígida, nascida na Escócia, um país onde se admiram “as mais belas criaturas que se podem ver”; ela era “uma jovem extremamente atraente”, mas sua beleza era “natural”, indica o nosso autor.

O ideal de beleza salesiana chama-se “boa graça”, que designa não só “a perfeita harmonia das partes que tornam belo”, mas também a “graça dos movimentos, dos gestos e das ações, que é como a alma da vida e da beleza”, ou seja, a

bondade do coração. A graça exige “simplicidade e modéstia”. Ora, a graça é uma perfeição que deriva do íntimo da pessoa. É a beleza unida à graça que faz de Rebeca o ideal feminino da Bíblia: ela era “tão bela e graciosa junto ao poço onde tirava água para dar de beber ao rebanho”, e sua “bondade familiar” a inspirava, além disso, a dar de beber não só aos servos de Abraão, mas também aos seus camelos.

Educação e preparação para a vida

Na época de São Francisco de Sales, as mulheres tinham poucas oportunidades de acesso aos estudos superiores. As meninas aprendiam o que ouviam de seus irmãos e, quando a família tinha condições, frequentavam um convento. A leitura era certamente mais frequente do que a escrita. Os colégios eram reservados aos meninos, portanto, aprender latim, a língua da cultura, era praticamente proibido para as meninas.

É preciso acreditar que Francisco de Sales não era contra que as mulheres se tornassem pessoas cultas, mas desde que não caíssem na pedanteria e na vaidade. Ele admirava Santa Catarina, que era “muito erudita, mas humilde em tanta ciência”. Entre as interlocutoras do bispo de Genebra, a senhora de La Fléchère havia estudado latim, italiano, espanhol e belas-arts, mas era uma exceção.

Para encontrar um lugar na vida, tanto no âmbito social quanto no religioso, em determinado momento as jovens frequentemente precisavam de uma ajuda especial. Georges Rolland relata que o bispo ocupou-se pessoalmente de vários casos difíceis. Uma mulher de Genebra, com três filhas, foi generosamente assistida pelo bispo, “com dinheiro e créditos”; “colocou uma das filhas como aprendiz junto a uma senhora honesta da cidade, pagando-lhe a pensão durante seis anos, em grãos e dinheiro”. Ele também doou 500 florins para o casamento da filha de um impressor de Genebra.

A intolerância religiosa da época às vezes provocava dramas, aos quais Francisco de Sales tentava remediar. Marie-Judith Gilbert, educada em Paris pelos pais

nos “erros de Calvino”, descobriu aos dezenove anos o livro da *Filoteia*, que ousava ler apenas em segredo. Ela simpatizou com o autor, de quem tinha ouvido falar. Vigiada de perto pelo pai e pela mãe, conseguiu ser levada de carruagem, recebeu instrução na religião católica e entrou para as irmãs da Visitação.

O papel social das mulheres ainda era bastante limitado. Francisco de Sales não era totalmente contra a intervenção das mulheres na vida pública. Ele escreveu nestes termos, por exemplo, a uma mulher levada a intervir na esfera pública, a propósito e a despropósito:

O seu sexo e a sua vocação permitem-lhe reprimir o mal externo a si, mas apenas se isso for inspirado pelo bem e realizado com repreensões simples, humildes e caridosas para com os transgressores e avisando os superiores, na medida do possível.

Por outro lado, é significativo que uma contemporânea de Francisco de Sales, a senhorita de Gournay, uma das primeiras feministas *ante litteram* [antes da palavra], intelectual e autora de textos polêmicos como seu tratado *A igualdade entre homens e mulheres* e *A queixa das mulheres*, tenha manifestado grande admiração por ele. Ela se empenhou durante toda a sua vida em demonstrar essa igualdade, reunindo todos os testemunhos possíveis a esse respeito, sem esquecer o do “bom e santo bispo de Genebra”.

Educação para o amor

Francisco de Sales falou muito sobre o amor de Deus, mas também foi muito atento às manifestações do amor humano. Para ele, de fato, o amor é uno, mesmo que seu “objeto” seja diferente e desigual. Para explicar o amor de Deus, ele não soube fazer melhor do que partir do amor humano.

O amor nasce da contemplação do belo, e o belo se deixa perceber pelos sentidos, sobretudo pelos olhos. Estabelece-se um fenômeno interativo entre o olhar e a beleza: “Contemplar a beleza nos faz amá-la, e o amor nos faz

contemplá-la". O olfato reage da mesma maneira; de fato, "os perfumes exercem seu único poder de atração com sua doçura".

Após a intervenção dos sentidos externos, intervêm os sentidos internos, a fantasia, a imaginação, que exaltam e transfiguram a realidade: "Em virtude desse movimento recíproco do amor para a visão e da visão para o amor, da mesma forma que o amor torna mais resplandecente a beleza da coisa amada, assim a visão da coisa amada torna o amor mais apaixonado e agradável". Compreende-se então por que "aqueles que pintaram Cupido lhe vendaram os olhos, afirmando que o amor é cego". A este ponto surge o amor-paixão: ele faz "buscar o diálogo, e o diálogo muitas vezes alimenta e aumenta o amor"; além disso, "deseja o segredo, e quando os apaixonados não têm nenhum segredo a dizer, às vezes se agradam em dizê-lo secretamente"; e, finalmente, induz a "proferir palavras que, certamente, seriam ridículas se não brotassem de um coração apaixonado".

Ora, esse amor-paixão, que talvez se reduza apenas a "amorzinhos", a "galanteios", está exposto a várias vicissitudes, a tal ponto que leva o autor da *Filoteia* a intervir com uma série de considerações e advertências a respeito das "amizades frívolas que se estabelecem entre pessoas de sexos diferentes e sem intenção de casamento". Muitas vezes, não passam de "abortos ou, melhor, aparências de amizade".

Francisco de Sales também se expressou sobre o tema dos beijos, perguntando-se, por exemplo, com os antigos comentaristas, por que Raquel permitiu que Jacó a abraçasse. Ele explica que existem dois tipos de beijo: um mau e outro bom. Os beijos que os jovens trocam facilmente entre si e que no início não são maus, podem tornar-se maus devido à fragilidade humana. Mas o beijo também pode ser bom. Em determinados lugares, é exigido pelo costume. «O nosso Jacó abraça muito inocentemente a sua Raquel; Rachel aceita este beijo de cortesia por parte deste homem de bom caráter e rosto limpo». «Oh! – concluía Francisco de Sales – dai-me pessoas que tenham a inocência de Jacó e Raquel e eu permitirei que se

beijem».

Na questão da dança e do baile, também em voga na época, o bispo de Genebra evitava mandamentos absolutos, como faziam os rigoristas da época, tanto católicos quanto protestantes, mostrando-se, no entanto, muito prudente. Chegaram mesmo a acusá-lo duramente de ter escrito que “as danças e os bailes, em si mesmos, são coisas indiferentes”. Tal como certos jogos, também eles se tornam perigosos quando se fica tão apegado a eles que não se consegue mais separar-se deles: o baile “deve ser feito por recreação e não por paixão; por pouco tempo e não até ficar cansado e atordoado”. O que é mais perigoso é o fato de que esses passatempos muitas vezes se tornam ocasiões que provocam “disputas, invejas, zombarias, namoricos”.

A escolha do modo de vida

Quando a filha cresce, chega “o dia em que será preciso falar com ela, refiro-me a uma palavra decisiva, aquela em que se diz às jovens que se quer casá-las”. Homem do seu tempo, Francisco de Sales compartilhava em grande medida a ideia de que os pais tinham uma tarefa importante na determinação da vocação dos filhos, tanto para o casamento quanto para a vida religiosa. “Normalmente não se escolhe o próprio príncipe ou bispo, o próprio pai ou a própria mãe, e muitas vezes nem mesmo o próprio marido”, constatava o autor da Filoteia. No entanto, ele afirma claramente que “as filhas não podem ser dadas em casamento enquanto elas disserem não”.

A prática corrente é bem explicada nesta passagem da Filoteia: “Para que um casamento se realize verdadeiramente, são necessárias três coisas em relação à jovem que se quer dar em casamento: em primeiro lugar, que lhe seja feita a proposta; em segundo lugar, que ela a aceite; em terceiro lugar, que ela consinta”. Como as moças se casavam muito jovens, não se pode admirar sua imaturidade afetiva. “As moças que se casam muito jovens amam realmente seus maridos, se os têm, mas não deixam de amar também os anéis, as joias, as amigas com quem se divertem muito brincando, dançando e

fazendo loucuras”.

O problema da liberdade de escolha se colocava igualmente para as crianças que se destinavam à vida religiosa. Franceschetta [Francisquinha], filha da baronesa de Chantal, deveria ser colocada em um convento por sua mãe, que desejava vê-la religiosa, mas o bispo interveio: “Se Franceschetta deseja ser religiosa, muito bem; caso contrário, não aprovo que se antecipe sua vontade com decisões que não são suas”. Além disso, não seria conveniente que a leitura das cartas de São Jerônimo orientasse demais a mãe no caminho da severidade e da coação. Por isso, aconselhou-a a “usar moderação” e a proceder com “inspirações suaves”.

Algumas jovens hesitam diante da vida religiosa e do casamento, sem nunca chegar a se decidir. Francisco de Sales encorajou a futura senhora de Longecombe a dar o passo do casamento, que ele mesmo quis celebrar. Fez esta boa obra, dirá mais tarde o marido, à pergunta da esposa «que desejava casar-se pelas mãos do bispo e que, sem essa presença, nunca poderia dar esse passo, devido à grande aversão que nutria pelo casamento».

As mulheres e a «devoção»

Alheio a qualquer feminismo *ante litteram*, Francisco de Sales estava consciente da contribuição excepcional da feminilidade no plano espiritual. Foi observado que, ao favorecer a devoção nas mulheres, o autor da *Filoteia* favoreceu, ao mesmo tempo, a possibilidade de uma maior autonomia, uma “vida privada feminina”.

Não é de admirar que as mulheres tenham uma disposição especial para a “devoção”. Depois de enumerar um certo número de doutores e especialistas, ele pôde escrever no prefácio do Teótimo: “Mas para que se saiba que este tipo de escritos se redige melhor com a devoção dos apaixonados do que com a doutrina dos sábios, o Espírito Santo fez com que numerosas mulheres realizassem maravilhas a este respeito. Quem melhor manifestou as paixões celestiais do amor divino do que Santa Catarina de Gênova, Santa Ângela de Foligno, Santa

Catarina de Sena e Santa Matilde?”. É conhecida a influência da Madre de Chantal na redação do Teótimo, e em particular do nono livro, “o seu nono livro do *Amor de Deus*”, segundo a expressão do autor.

As mulheres podiam se envolver em questões religiosas? “Eis, pois, esta mulher que se faz de teóloga”, diz Francisco de Sales, falando da Samaritana do Evangelho. É preciso necessariamente ver nisso uma desaprovação em relação às teólogas? Não é certo. Tanto mais que ele afirma com veemência: “Eu vos digo que uma mulher simples e pobre pode amar a Deus tanto quanto um doutor em teologia”. A superioridade nem sempre está onde se pensa.

Há mulheres superiores aos homens, a começar pela Santa Virgem. Francisco de Sales respeita sempre o princípio da ordem estabelecida pelas leis religiosas e civis de seu tempo, às quais prega a obediência, mas sua prática testemunha uma grande liberdade de espírito. Assim, para o governo dos mosteiros femininos, ele considerava que era melhor para elas estarem sob a jurisdição do bispo do que depender de seus irmãos religiosos, que corriam o risco de exercer uma influência excessiva sobre elas.

As visitandinas, por sua vez, não dependeriam de nenhuma ordem masculina e não teriam nenhum governo central, estando cada mosteiro sob a jurisdição do bispo local. Ele ousou qualificar com o título inesperado de “apóstolas” as irmãs da Visitação que partiam para uma nova fundação.

Se interpretarmos corretamente o pensamento do bispo de Genebra, a missão eclesial das mulheres consiste em anunciar não a palavra de Deus, mas “a glória de Deus” com a beleza do seu testemunho. Os céus, reza o salmista, narram a glória de Deus apenas com o seu esplendor. “A beleza do céu e do firmamento convida os homens a admirar a grandeza do Criador e a anunciar as suas maravilhas”; e “não é talvez uma maravilha maior ver uma alma adornada com muitas virtudes do que um céu constelado de estrelas?”.

O voluntariado missionário transforma a vida dos jovens no México

O voluntariado missionário representa uma experiência que transforma profundamente a vida dos jovens. No México, a Inspeção Salesiana de Guadalajara desenvolveu, há décadas, um percurso orgânico de Voluntariado Missionário Salesiano (VMS) que continua a impactar de forma duradoura o coração de muitos rapazes e moças. Graças às reflexões de Margarita Aguilar, coordenadora do voluntariado missionário em Guadalajara, compartilharemos o caminho referente às origens, evolução, fases de formação e motivações que levam os jovens a se comprometerem para servir as comunidades no México.

Origens

O voluntariado, entendido como um compromisso em favor do outro nascido da necessidade de ajudar o próximo tanto no plano social quanto no espiritual, fortaleceu-se ao longo do tempo com a contribuição de governos e ONGs para sensibilizar sobre temas como saúde, educação, religião, meio ambiente e outros. Na Congregação Salesiana, o espírito voluntário está presente desde as origens: Mãe Margarida, ao lado de Dom Bosco, foi uma das primeiras “voluntárias” no Oratório, dedicando-se ao cuidado dos jovens para cumprir a vontade de Deus e contribuir para a salvação de suas almas. Já o Capítulo Geral XXII (1984) começou a falar explicitamente sobre voluntariado, e os capítulos seguintes insistiram nesse compromisso como uma dimensão inseparável da missão salesiana.

No México, os salesianos estão divididos em duas Inspeções: Cidade do México (MEM) e Guadalajara (MEG). Foi justamente

nesta última que, a partir da metade dos anos 80, estruturou-se um projeto de voluntariado juvenil. A Inspeção de Guadalajara, fundada há 62 anos, oferece há quase 40 anos a possibilidade para jovens desejosos de experimentar o carisma salesiano de dedicar um período de vida ao serviço das comunidades, especialmente nas zonas de fronteira.

Em 24 de outubro de 1987, o inspetor enviou um grupo de quatro jovens junto com salesianos para a cidade de Tijuana, numa zona de fronteira em forte expansão salesiana. Foi o início do Voluntariado Juvenil Salesiano (VJS), que se desenvolveu gradualmente e se organizou de forma cada vez mais estruturada.

O objetivo inicial era proposto a jovens de cerca de 20 anos, disponíveis para dedicar de um a dois anos para construir os primeiros oratórios nas comunidades de Tijuana, Ciudad Juárez, Los Mochis e outras localidades do norte. Muitos lembram os primeiros dias: pá e martelo na mão, convivendo em casas simples com outros voluntários, tardes passadas com crianças, adolescentes e jovens do bairro brincando no terreno onde surgiria o oratório. Às vezes faltava o teto, mas não faltavam a alegria, o senso de família e o encontro com a Eucaristia.

Essas primeiras comunidades de salesianos e voluntários levaram nos corações o amor a Deus, a Maria Auxiliadora e a Dom Bosco, manifestando espírito pioneiro, ardor missionário e cuidado total pelos outros.

Evolução

Com o crescimento da Inspeção e da Pastoral Juvenil, surgiu a necessidade de itinerários formativos claros para os voluntários. A organização se fortaleceu por meio de:

Questionário de candidatura: cada aspirante a voluntário preenchia uma ficha e respondia a um questionário que delineava suas características humanas, espirituais e salesianas, iniciando o processo de crescimento pessoal.

Curso de formação inicial: oficinas teatrais, jogos e dinâmicas de grupo, catequese e ferramentas práticas para as atividades de campo. Antes da partida, os voluntários se reuniam para concluir a formação e receber o envio nas comunidades salesianas.

Acompanhamento espiritual: convidava-se o candidato a ser acompanhado por um salesiano em sua comunidade de origem. Por um certo período, a preparação foi realizada junto com aspirantes salesianos, fortalecendo o aspecto vocacional, embora essa prática tenha sofrido modificações conforme a animação vocacional da Inspetoria.

Encontro anual da Inspetoria: todos os anos, em dezembro, próximo ao Dia Internacional do Voluntário (5 de dezembro), os voluntários se reúnem para avaliar a experiência, refletir sobre o caminho de cada um e consolidar os processos de acompanhamento.

Visitas às comunidades: a equipe de coordenação visita regularmente as comunidades onde atuam os voluntários, para apoiar não apenas os jovens, mas também salesianos e leigos da comunidade educativo-pastoral, fortalecendo as redes de apoio.

Projeto de vida pessoal: cada candidato elabora, com a ajuda do acompanhante espiritual, um projeto de vida que ajude a integrar a dimensão humana, cristã, salesiana, vocacional e missionária. Prevê-se um período mínimo de seis meses de preparação, com momentos online dedicados às várias dimensões.

Envolvimento das famílias: encontros informativos com os pais sobre os processos do VJS, para fazer compreender o percurso e fortalecer o apoio familiar.

Formação contínua durante a experiência: a cada mês é abordada uma dimensão (humana, espiritual, apostólica etc.) por meio de materiais de leitura, reflexão e trabalho de aprofundamento em andamento.

Pós-voluntariado: após a conclusão da experiência, organiza-se um encontro de encerramento para avaliar a experiência, planejar os passos seguintes e acompanhar o voluntário na reinserção na comunidade de origem e na família, com fases presenciais e online.

Novas etapas e renovações

Recentemente, a experiência passou a se chamar Voluntariado Missionário Salesiano (VMS), em linha com a ênfase da Congregação na dimensão espiritual e missionária. Algumas novidades introduzidas:

Pré-voluntariado breve: durante as férias escolares (dezembro-janeiro, Semana Santa e Páscoa, e especialmente o verão) os jovens podem experimentar por curtos períodos a vida em comunidade e o compromisso de serviço, para ter um primeiro “gosto” da experiência.

Formação para a experiência internacional: foi instituído um processo específico para preparar os voluntários a viver a experiência fora das fronteiras nacionais.

Maior ênfase no acompanhamento espiritual: não mais apenas “enviar para trabalhar”, mas colocar no centro o encontro com Deus, para que o voluntário descubra sua vocação e missão.

Como destaca Margarita Aguilar, coordenadora do VMS em Guadalajara: “Um voluntário precisa ter as mãos vazias para poder abraçar sua missão com fé e esperança em Deus.”

Motivações dos jovens

Na base da experiência VMS está sempre a pergunta: “Qual é a sua motivação para se tornar voluntário?”. Podem ser identificados três grupos principais:

Motivação operacional/prática: quem acredita que realizará atividades concretas ligadas às suas competências (ensinar numa escola, servir em refeitório, animar um oratório). Muitas vezes descobre que o voluntariado não é apenas trabalho manual

ou didático e pode ficar desapontado, se esperava uma experiência meramente instrumental.

Motivação ligada ao carisma salesiano: os que já se beneficiaram de obras salesianas e desejam aprofundar e viver mais intensamente o carisma, imaginando uma experiência intensa como um longo encontro festivo do Movimento Juvenil Salesiano, mas por um período prolongado.

Motivação espiritual: quem pretende compartilhar sua experiência de Deus e descobri-lo nos outros. Às vezes, porém, essa “fidelidade” é condicionada por expectativas (ex.: “sim, mas só nesta comunidade” ou “sim, mas se eu puder voltar para um evento familiar”), e é necessário ajudar o voluntário a amadurecer o “sim” de forma livre e generosa.

Três elementos-chave do VMS

A experiência do Voluntariado Missionário Salesiano se articula em três dimensões fundamentais:

Vida espiritual: Deus é o centro. Sem oração, sacramentos e escuta do Espírito, a experiência corre o risco de se reduzir a um simples compromisso operacional, cansando o voluntário até o abandono.

Vida comunitária: a comunhão com os salesianos e com os demais membros da comunidade fortalece a presença do voluntário junto a crianças, adolescentes e jovens. Sem comunidade não há apoio nos momentos de dificuldade nem contexto para crescer juntos.

Vida apostólica: o testemunho alegre e a presença afetiva entre os jovens evangelizam mais do que qualquer atividade formal. Não se trata apenas de “fazer”, mas de “ser” sal e luz no cotidiano.

Para viver plenamente essas três dimensões, é necessário um percurso de formação integral que acompanhe o voluntário do início ao fim, abraçando todos os aspectos da pessoa (humano, espiritual, vocacional) segundo a pedagogia salesiana e o

mandato missionário.

O papel da comunidade de acolhida

O voluntário, para ser um instrumento autêntico de evangelização, precisa de uma comunidade que o apoie, sirva de exemplo e guia. Da mesma forma, a comunidade acolhe o voluntário para integrá-lo, apoiando-o nos momentos de fragilidade e ajudando-o a se libertar de vínculos que dificultam a dedicação total. Como destaca Margarita: “Deus nos chamou para ser sal e luz da Terra e muitos dos nossos voluntários encontraram a coragem de pegar um avião deixando para trás a família, os amigos, a cultura, seu modo de viver para escolher esse estilo de vida centrado em ser missionários.”

A comunidade oferece espaços de diálogo, oração comum, acompanhamento prático e emocional, para que o voluntário possa permanecer firme em sua escolha e dar frutos no serviço.

A história do voluntariado missionário salesiano em Guadalajara é um exemplo de como uma experiência pode crescer, se estruturar e se renovar aprendendo com erros e acertos. Colocando sempre no centro a motivação profunda do jovem, a dimensão espiritual e comunitária, oferece um percurso capaz de transformar não apenas as realidades servidas, mas também a vida dos próprios voluntários.

Margarita Aguilar nos diz: “Um voluntário precisa ter as mãos vazias para poder abraçar sua missão com fé e esperança em Deus.”

Agradecemos a Margarita por suas preciosas reflexões: seu testemunho nos lembra que o voluntariado missionário não é um mero serviço, mas um caminho de fé e crescimento que toca a vida dos jovens e das comunidades, renovando a esperança e o desejo de se doar por amor a Deus e ao próximo.